

The background of the image is a high-angle, black and white photograph of a large crowd of people walking on a paved surface, likely a city street or plaza. The people are scattered across the frame, some in groups and some alone, all moving in various directions. The ground is made of small, light-colored tiles.

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama
(Organizador)

A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2



Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama
(Organizador)

A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

Editora chefe	
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	
Editora executiva	
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	
Janaina Ramos	2022 by Atena Editora
Projeto gráfico	Copyright © Atena Editora
Bruno Oliveira	Copyright do texto © 2022 Os autores
Camila Alves de Cremo	Copyright da edição © 2022 Atena
Luiza Alves Batista	Editora
Imagens da capa	Direitos para esta edição cedidos à
iStock	Atena Editora pelos autores.
Edição de arte	Open access publication by Atena
Luiza Alves Batista	Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

- Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Willian Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 A sociologia e as formações sociais 2 / Organizador Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0829-1
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.291221412>

1. Sociologia. I. Gama, Hélio Fernando Lôbo Nogueira da (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declararam que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A coleção “A Sociologia e as Formações Sociais”, agora em seu segundo volume, justifica-se por esta ciência ter sua origem multidisciplinar, aglutinando o que havia de mais avançado em conhecimento filosófico (a dialética hegeliana alemã), político (o socialismo utópico francês) e científico (a economia política inglesa) do século XIX.

A partir dessa matriz, Karl Marx, vão surgir outras, disciplinares, que postularão um caráter científico positivista normativo, Émile Durkheim, como também, na passagem para o XX, a Sociologia comprensiva de Max Weber.

As teorias sociológicas das formações sociais destes, intitulados os “três porquinhos” da Sociologia, estabelecem fundamentos epistemológicos sólidos para uma ciência que possui o objeto de estudos mais ousado e da mais complexa compreensão do que todas as demais: a sociedade em que vivemos.

O conceito de formação social indica um caminho, ao perceber o ambiente societário como construído em suas múltiplas determinações, um *de vir*. Incita os autores do presente livro a buscar, pelas suas finas lentes de seus olhares plurais, debruçarem-se sobre questões teóricas / empíricas relevantes, a partir de seus campos de saber - no sentido de Pierre Bourdieu - e compreender, contextualizar e interpretar diversos objetos de investigação.

Com êxitos inegáveis de contribuições ao edifício do conhecimento, assumem e fazem usos de postulados sociológicos transversais que são a própria razão da Sociologia enquanto ciência mãe, fundamental, perpassando as ciências aplicadas emprestando os seus paradigmas, e, com isso, dialeticamente, garantido legitimidade e reconhecimento a si e às mesmas.

Sociológica, histórica, econômica e antropológicamente, estrutura social como inerente ao conceito de modo de produção significa uma determinada formação econômico-social, em que se sustenta a tese que o conceito, enquanto modelo abstrato que busca abarcar um determinado bloco histórico, tem o sentido metodológico do tipo ideal weberiano que busca a explicação da realidade pela aproximação à construção teórica empreendida.

A atual formação social vislumbra o fortalecimento dos ditames capitalistas e mercadológicos através da reificação do corpo. A corporaltria é disseminada pelos meios de comunicação e mídias. Mais que [re]pensar as práticas esportivas para o desenvolvimento, é preciso [re]pensar o esporte como elemento de emancipação social dos corpos e dos homens.

Na combinação cidadania, educação e trabalho, a extensão da educação a todos se atrelou mais às necessidades econômicas e exigências do processo produtivo vigente e em evolução do que no processo de correção das desigualdades sociais. Para a educação de seus profissionais inteiramente qualificados, o capital sempre prescindiu do Estado, fornecendo suas próprias

demandas, em face de seu caráter estratégico.

Precisa-se de “Perseus” para cortar a cabeça da Medusa e “despetrificar” o Sertão e o sertanejo, tomando-se as transformações recentes do Sertão do Pajeú como referência socioespacial em se que verifica uma microrregião que se encontra em trânsito da opacidade para a luminosidade geográfica, com espaços técnicos-científicos-informacionais se ampliando.

Boa leitura!

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

CAPÍTULO 1	1
REVITALIZANDO O DEBATE: O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214121	
CAPÍTULO 2	14
ESPORTIVIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DE (NOVOS) CORPOS NA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI	
Fernanda Ramos Parreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214122	
CAPÍTULO 3	28
OS COMPROMISSOS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA	
Adelcio Machado dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214123	
CAPÍTULO 4	41
SERTÃO! ATÉ QUANDO? COMBATENDO O EFEITO MEDUSA	
Ednaldo Emílio Ferraz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214124	
SOBRE O ORGANIZADOR	55
ÍNDICE REMISSIVO	56

CAPÍTULO 1

REVITALIZANDO O DEBATE: O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Data de submissão: 12/12/2022

Data de aceite: 12/12/2022

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

Universidade Estadual de Santa Cruz –
UESC
Departamento de Filosofia e Ciências
Humanas - DFCH
Ilhéus - Bahia
<http://lattes.cnpq.br/6629190158131259>

RESUMO: Presenciamos, no ambiente acadêmico, uma hegemonia teórica (neo) positivista, funcionalista e sistêmica sobre o caráter da sociedade. A organização social predominante teria deixado de ser capitalista (como conceituada pelas matrizes clássicas da Sociologia – as teorias de Marx, Weber e Durkheim) para ser concebida como “industrialista”, “pós-industrial”, “moderna”, “pós-moderna”, “informacional”, etc. Com o fim do “socialismo real” na década de 1990, soaram-se as trombetas dos novos ideólogos apregoando o fim da luta de classes, da centralidade do trabalho como categoria analítica para explicação do real, das ideologias e da própria História. A essência da realidade social não seria mais (ou nunca teria sido?) passível de uma explicação em sua dimensão de totalidade. Deveríamos contentar-nos com enfoques microssociológicos para,

pelo menos, estabelecermos “um olhar” a mais na pluralidade dos individualismos metodológicos presentes na intitulada explosão de paradigmas. Entendemos que a busca constante por uma compreensão do processo socio-histórico, em uma dialética de tensão e desenvolvimento em espiral entre a busca da essência e dimensão da totalidade de uma formação social, é fundamental. Partindo da ideia de estrutura social como transversal a Sociologia, História, Economia e Antropologia, a relação entre as classes sociais leva-nos a uma análise detida do modo de produção em que se inserem e conformam um determinado bloco histórico. O conceito de modo de produção, portanto, é fundamental para fazermos uso da ideia de estrutura social na busca de uma lógica do processo socio-histórico, revitalizando a construção de um conhecimento crítico e dialético que se proponha a abranger a totalidade das relações sociais. Este é o objetivo do presente ensaio. Ao final, após resgatarmos uma discussão clássica sobre a questão, enunciaremos os contornos de nossa tese sobre a problemática, buscando darmos uma contribuição que entendemos original.

PALAVRAS-CHAVE: Modo de Produção; Sociologia; História; Economia.

REVITALIZING THE DISCUSSION: THE CONCEPT OF PRODUCTION MODE

ABSTRACT: We witnessed a theoretical (neo) positivist, functionalist, and systemic hegemony over the character of society. The predominant social organization ceased to be capitalist (as conceptualized by the classical matrices of Sociology - the theories of Marx, Weber, and Durkheim) to be conceived as “industrialist”, “post-industrial”, “modern”, “post-modern”, “Informational”, etc. With the end of “real socialism” in the 1990s, the trumpets of the new ideologues sounded, proclaiming the end of the class struggle, the centrality of work as an analytical category for explaining the real, ideologies and history itself. The essence of social reality would no longer be subject to explanation in its dimension of totality. We should be content with micro sociological approaches to, at least, establish an “additional look” at the plurality of methodological individualisms present in the so-called explosion of paradigms. We understand that the constant search for an understanding of the socio-historical process, in dialectic of tension and development in a spiral between the search for the essence and dimension of the totality of a social formation, is fundamental. Starting from the idea of social structure as transversion to Sociology, History, Economy and Anthropology, the relationship between social classes leads us to a careful analysis of the mode of production in which they are inserted and conform a given historical block. The concept of mode of production is fundamental for us to use the idea of social structure in the search for logic of the socio-historical process, revitalizing the construction of a critical and dialectical knowledge that proposes to encompass the totality of social relations. In the end we will enunciate the contours of our thesis on the issue, seeking to contribute that we understand to be original.

KEYWORDS: Production Mode; Sociology; History; Economy.

1 | INTRODUÇÃO

Existe uma sensação de mal-estar na cultura, atualizando o diagnóstico feito por Sigmund Freud no início de 1930 para o fim de século 20 com mais elaboradas pinceladas. Porém, existe também um “mal-estar em teoria e com teoria” no domínio das ciências sociais, particularmente com teorias que, seguindo nos passos da tradição clássica, persistem em seu empenho para explicar o movimento de sociedade como um todo. No atual *ethos* ideológico, dominado por uma intoxicante combinação de pós-modernismo e tecnocracismo neoliberal, teorias sobre sociedade levantam o aborrecimento e às vezes até o desdém de muitos cientistas sociais. As teorias caíram em vergonha, e qualquer novato ou diletante se parece corajoso o bastante para denunciá-las, citando a acusação inevitável que elas são nada além de grandes narrativas obsoletas do século XIX para estar em algum museu boorento. [tradução nossa] (BORON, 1999, p. 47).

Tal asserção nos motiva a revisitar um conceito que é básico para uma reflexão sobre a possibilidade de uma compreensão do processo socio-histórico.

Presenciamos, no ambiente acadêmico, uma hegemonia teórica (neo) positivista, funcionalista e sistêmica sobre o caráter da sociedade. A organização social dominante teria deixado de ser capitalista (como conceituada pelas matrizes clássicas da Sociologia - Marx, Weber e Durkheim) para ser concebida como “industrialista”, “pós-industrial”,

“moderna”, “pós-moderna”, “informacional”, etc. Com o fim do “socialismo real” na década de 1990 soaram-se as trombetas dos novos ideólogos apregoando o fim da luta de classes, da centralidade do trabalho como categoria analítica para explicação do real, das ideologias e da própria História. A essência da realidade social não seria mais (ou nunca teria sido?) passível de uma explicação em sua dimensão de totalidade. Deveríamos contentar-nos com enfoques microssociológicos para, pelo menos, estabelecermos “um olhar” a mais na pluralidade dos individualismos metodológicos presentes na intitulada explosão de paradigmas.

Entendemos que a busca constante por uma compreensão do processo socio-histórico, em uma dialética de tensão e desenvolvimento em espiral entre a essência e dimensão da totalidade de uma determinada formação social, é fundamental. Partindo da ideia de estrutura social como transversal a Sociologia, História, Economia e Antropologia, a relação entre as classes sociais nos leva a uma análise detida do modo de produção em que se inserem e conformam um bloco histórico.

O conceito de modo de produção, portanto, é fundamental para fazermos uso da ideia de estrutura social na busca de uma lógica do processo socio-histórico, revitalizando a construção de um conhecimento crítico e dialético que se proponha a abarcar a totalidade das relações sociais.

Este é o objetivo do presente ensaio.

Ao final, após passarmos em revista uma discussão clássica sobre a questão, enunciaremos os contornos de nossa tese sobre a problemática, buscando darmos uma contribuição que entendemos original ao debate.

2 | CONHECIMENTO SOCIO-HISTÓRICO E ESTRUTURA SOCIAL

Conceituamos o que entendemos como conhecimento socio-histórico:

A missão e o sentido da ênfase em um enfoque socio-histórico do conhecimento são [...] propiciar o desenvolvimento de uma percepção crítica, científica, do papel do indivíduo enquanto ator social e sujeito ativo da história, contribuindo substantivamente para a construção de laços de identidade, consolidar a cidadania e fazer avançar a radicalização da democracia. O posicionamento diante de fatos presentes ganha argumentos e embasamento científico a partir da interpretação de suas relações com o passado. (GAMA, 2010, p.82)

A partir de autores como Hobsbaw (1971) e expoentes da escola francesa História Social, fazemos uso da ideia de estrutura social.

O conhecimento socio-histórico [...] parte da premissa que a ideia de estrutura social é fundamental, do ponto de vista epistemológico, para uma compreensão mais profunda e complexa do processo social e histórico, em busca da lógica de seu desenvolvimento, constituindo-se em um avanço científico sobre as perspectivas historiográficas meramente episódicas e personalizadas, ou rigidamente datadas, fragmentadas, lineares, ingênuas ou ideológicas. (GAMA, 2011, p.65)

Tratando-se do estudo das estruturas sociais, o critério mais seguro e válido está baseado nas relações entre classes:

Refere-se ao elemento mais permanente e mais profundo da atividade humana; o trabalho e a produção. Explica a totalidade de uma formação social e a sua relatividade espacial e temporal, estando ele próprio ligado à evolução das forças produtivas (isto é, ao mesmo tempo ao número dos homens, aos recursos postos em exploração e às técnicas que presidem a esta exploração). (SOBOUL, 1975, p.38)

Em nome do rigor teórico-metodológico não há como estudar as relações entre as classes sociais sem uma análise do modo de produção em que se inserem, pois os indivíduos vão se configurar como pertencendo ou não a uma classe social fundamental a partir da compreensão de suas inserções e das relações sociais de produção que moldam um determinado bloco histórico (GAMA, 2020a, p. 146.).

3 I O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Gebran (1978) faz uma didática e pertinente distinção entre “modo de produção de bens materiais”, que se refere apenas à estrutura econômica da sociedade, e o de modo de produção que abrange a totalidade social. Este perfaz uma estrutura global formada, basicamente, por três dimensões da sociedade: econômica, jurídico-política e ideológica.

Assinala-se o significado do conceito de modo de produção na teoria de Marx sobre a gênese e a lógica do capitalismo:

O modo de produção capitalista enquanto produz bens materiais, reproduz as relações de produção capitalistas, e, ao mesmo tempo em que reproduz essas relações, reproduz suas condições de existência superestruturais, isto é, as condições ideológicas e as relações de poder, assim como o papel que desempenham dentro da estrutura social [tradução nossa]. (HARNECKER, 1971, p.142)

Dada à premissa marxista que a dimensão econômica é determinante, em última instância, das demais instâncias da sociedade na estrutura global do modo de produção, encontramos embutido no conceito o significado de uma lógica materialista do processo histórico pautada no princípio dialético de uma realidade em movimento e em construção. Afinal, para Marx, “são os homens que fazem a História, mas em condições sociais determinadas”.

A determinação em última instância da estrutura global pelo econômico não significa que este detenha sempre o papel dominante. Não se devem confundir estes dois termos pois implicam em concepções distintas. Se a unidade que constitui a estrutura social implica que todo modo de produção tenha um plano principal, o econômico é determinante apenas na medida em que atribui a esta ou aquela instância o papel hegemônico. Marx nos indica como no modo de produção feudal é a ideologia, sob a forma religiosa, que detém

o papel preponderante e está rigorosamente determinada pelo funcionamento da estrutura econômica (FIORAVANTE, 1978).

Embora a infraestrutura econômica seja a determinante, ainda que em última instância, nos modos de produção que existem e existiram ao longo da História, nem sempre ela aparece como tal e os elementos jurídicos, políticos ou ideológicos, que formam a superestrutura, assumem a representação da dominação (FIORAVANTE, 1978). Gebran (1978) ressalta que isto se dá pela inter-relação dialética existente entre as várias estruturas, permitindo que umas ou outras se sobressaiam mais em determinados momentos históricos, e possam ser detectadas como as que dominam todo um período.

A concepção materialista da história estuda as estruturas das sociedades em diferentes épocas históricas e as inter-relações dialéticas na sucessão descontínua dos modos de produção. Esta concepção de descontinuidade foge à concepção hegeliana da História, onde a noção do tempo histórico é uma noção ideológica, uma continuidade homogênea não existindo cortes radicais ou rupturas entre as “etapas” históricas. Em **A Ideologia Alemã** Marx afirma que esta concepção hegeliana “[...] não explica a prática e depois a ideia, mas explica a formação das ideias e depois a prática material” (MARX; ENGELS, 1968, p.70). Cabe-se colocar a dialética hegeliana de “cabeça para baixo”, ou seja, emprestar-lhe um significado materialista.

Na produção social de sua existência os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade. Estas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura [...] da sociedade, à qual correspondem formas sociais determinadas. O modo de produção da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina sua consciência [...]. [tradução nossa] (MARX, 1970, p.36-38)

4 I AS DESVENTURAS E VENTURAS HISTÓRICAS DE UM CONCEITO

Embora se acentue o avanço de Marx sobre Hegel, “[...] do critério da periodização da história a partir da evolução dialética da ideia, passamos ao critério da periodização da História a partir da evolução dialética da economia [tradução nossa]” (FIORAVANTI, 1974, p.13), observa-se que

Tendo sido empregada apenas *en passant* pelos fundadores da teoria científica do comunismo, a expressão “modo de produção” jamais assumiu foros de conceito rigoroso na obra de Marx ou na de Engels. [...] Em Lenin, salienta-se o emprego preferencial do conceito de “formação econômico-social” em acepção que abrange o conteúdo daquilo que se costuma designar pela expressão “modo de produção”. (MOURA, 1984, p.1)

No período estalinista se observa o obscurecimento da interpretação da teoria

marxista, de ciência do caráter estrutural da sociedade capitalista à doutrina / ideologia justificadora de pragmatismos políticos conjunturais.

Sobre o Materialismo Histórico e o Materialismo Dialético, obra publicada em 1938, consagra-se a expressão modo de produção “[...] porque é em torno à periodização histórica difundida, principalmente, a partir de Stalin, a concepção unilinear dos cinco estágios, que se desenvolve toda a polêmica referente aos ‘modos de produção’ (MOURA, 1984, p.2). “A história conhece cinco tipos fundamentais de relações de produção: o comunismo primitivo, a escravidão, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo [tradução nossa]” (STALIN, 1972, p.118).

Observa-se que, no referido trabalho, se estabelecia serem cinco os estágios característicos do desenvolvimento histórico que Stalin considerava expressamente como tipos fundamentais de relações de produção. Fundamentais, mas eram tidos como uma lista exaustiva das etapas que todas as sociedades deveriam atravessar em seu desenvolvimento evolutivo e unilinear. Admitiam-se algumas exceções que não alteravam a regra básica, relacionavam-se apenas à possibilidade de certos povos “saltarem” uma ou mais etapas, sob a influência de sociedades mais desenvolvidas:

A versão do materialismo histórico, aceita então, transformou-se – pelo emprego do esquema unilinear de cinco etapas – em uma vulgar filosofia da história, uma entidade metafísica que determinava, do exterior, o curso do devenir histórico, não restando outro remédio aos dados concretos entrarem, bem ou mal, no dito esquema. (CARDOSO; BRIGNOLLI, 1979, p.25)

Inclusive a versão de Stalin suprime o modo de produção asiático mencionado por Marx no Prólogo de 1859 da **Critique de L'économie Politique**: “Réduits à leurs grandes lignes, les modes de production asiatique, antique, féodal et bourgeois moderne apparaissent comme des époques progressives de la formation économique de la société” (MARX, 1977, pp. 273-274).

Nem a publicação dos **Grundrisse** (1939-40), com o estudo de Marx sobre as formações pré-capitalistas, conseguiu deter o avanço da concepção evolutiva unilinear. Interessava a Stalin a consolidação político-ideológica no seio do movimento comunista internacional, e sua teoria era-lhe útil para afirmar a tese da “construção do socialismo num só país”, no caso a URSS. Assim conseguiu impor a Terceira Internacional a diretriz universal de aliança do proletariado com as burguesias nacionais para a maturação dos capitalismos locais, pré-requisito para uma posterior revolução socialista.

A versão estalinista “[...] só veio a ser fortemente contestada ao final da década de cinquenta, com a retomada da discussão em torno ao ‘modo de produção’ asiático, trazida à tona outra vez, entre outras razões, pela publicação do polêmico livro de Wittfogel **O Despotismo Oriental**” (MOURA, 1984, p.2). Ainda que a polêmica a respeito da transição do feudalismo ao capitalismo “[...] envolvendo Dobb, Sweezy, Takahash e outros, preceda em alguns anos ao livro de Wittfogel, a discussão sobre a forma ‘asiática’ [...] tendeu a

conduzir o debate a um questionamento mais profundo do esquema unilinear de sucessão dos 'modos de produção" (MOURA, 1984, p.2).

A discussão gerada sobre as sociedades asiáticas – ou estamentais - se estende à análise das formações sociais pré-colombianas, abrindo uma intensa polêmica sobre os tecidos societários pré-capitalistas:

O pano de fundo do debate, como em outras ocasiões, foi a caracterização da revolução socialista em países que não obedeceram ao modelo clássico da Europa Ocidental. Ao nível teórico entra em crise o modelo da sucessão universal e linear de "modos de produção", interpretação dominante, de forma quase exclusiva, durante mais de duas décadas. Essa irrupção de diferentes modalidades de conceber o processo histórico coincide, se excetuarmos, talvez, a vertente trotskista, com a quebra do monolitismo do movimento comunista internacional. A multiplicação de partidos e movimentos de inspiração marxista foi acompanhada *pari passu* pela diversificação das interpretações, a nível teórico, sobre o processo histórico, tanto em relação ao passado, quanto às características de um hipotético devir revolucionário. (MOURA, 1984, pp.2-3)

Ao nível teórico-acadêmico a discussão sobre o modo de produção asiático é de suma importância. Trata-se da busca por analisar formações sociais distintas do continente europeu em sua porção ocidental, berço do modo de produção capitalista industrial e que, ao longo do tempo histórico, experimentou, em linhas gerais, o desenvolvimento dos modelos clássicos de modos de produção: comunismo primitivo, antiguidade, escravismo, feudalismo e capitalismo.

O modo de produção asiático ou estamental é um modelo teórico que busca interpretar o poder de manutenção de estruturas básicas estratificadas ao longo do tempo histórico, como a sobrevida do sistema de castas na Índia. Sua importância é compreender que o processo histórico de desenvolvimento das estruturas sociais não obedece, necessariamente, a um esquema pré-fixado rígido, evolutivo e unilinear, mas, ao contrário, é diverso, plural. A chave de seu desenvolvimento deve ser buscada, também, em fatores de ordem cultural, entendendo cultura como um sistema simbólico construído por comunidades em sua interação com o meio ambiente, que é diversificado. Poder-se-ia, inclusive, inferir-se uma explicação para a conservação de estruturas sociais igualitárias de comunidades indígenas isoladas que, na América do Sul, mantêm-se dadas sua harmonia com o meio ambiente no modo de produção do comunismo primitivo.

Aponta-se que a contradição interna do modo de produção asiático é a coexistência, ao longo do tempo, de estruturas comunitárias e de estruturas de classe, pois o processo histórico conjuntural passou na maioria dos povos de uma sociedade sem classes para uma sociedade de classes, mas a conjuntura por si só não é suficiente para explicar as transformações internas da sociedade (GODELIER, 1976). Ressalta-se que "As modificações de estrutura são muito mais importantes e constituem o objeto mesmo da história e da ciência econômica organicamente ligada" (VILAR, 1974, p.133). Gebran

(1978) desenvolve a tese que no modo de produção asiático as transformações só se tornam perceptíveis através da compreensão das contradições internas que conduzem às modificações estruturais, desenvolvendo assim, em seu interior, a desigualdade que elimina a vida comunitária, tanto no que diz respeito à cooperação do trabalho como a dos laços de parentesco.

O não desenvolvimento da contradição interna implica, pois, na estagnação, e este é o caso das sociedades dirigidas por uma forma do Modo de Produção Asiático [...]. Na medida em que a exploração das comunidades pelo Estado se faz através da acumulação de uma renda em produtos, a estrutura de produção pode estabilizar-se por haver estímulo ao nascimento de um mercado que passa a ser a causa de uma produção de mercadorias em grande escala para a troca. (FIORAVANTI, 1974, p. 13)

Rompe-se a interpretação monolítica estalinista do processo histórico, com a passagem de um modo de produção a outro buscando ser compreendido pela contradição entre as antigas relações de produção e o desenvolvimento das novas forças produtivas ao nível global.

O Capitalismo nasce na Europa, por razões complexas, nas quais ao lado do antigo modo de produção, importante papel é representado pela conquista, pela dominação, pelo assassinato, pela rapina, em resumo, pela violência. Pelo seu próprio caráter, que o leva a se expandir em escala mundial, o Capitalismo acaba por modificar as condições e os ritmos de desenvolvimento de todos os povos da Terra. (SOFRI, 1977, pp.63-64)

5 | NOSSA TESE

Mesmo quem critica o marxismo reconhece que “O gênio de Marx, o segredo de o seu prolongado poder, provém de ter sido ele o primeiro a fabricar verdadeiros modelos sociais a partir da longa duração histórica” (BRAUDEL, 1976, p. 70). Ao nosso ver, concordamos que “o alto grau de abstração, de generalização, da teoria de Marx é o que determina sua vitalidade, a possibilidade de aplicá-la com êxito a circunstâncias que diferem substancialmente daquelas nas quais foi criada a teoria [tradução nossa]” (VYGODSKY, 1978, p.70).

Pode-se compreender a tensão teórica que o uso do conceito incita:

Os modos de produção coloniais da América, produtos de um processo histórico *sui generis*, não podem ser reduzidos àqueles modos de produção concebidos em função da evolução mediterrâneo-europeia e, secundariamente, asiática. Sua definição e a análise de sua dinâmica pressupõem o estudo tanto da relação colonial quanto das estruturas internas das formações econômico-sociais. Eles se situarão em nível teórico distinto do de modos de produção como o feudalismo e capitalismo, por exemplo. Na obra de Marx faltam exemplos do uso do conceito de modo de produção em níveis teóricos diferentes; e o aludido admite, claramente, entre os possíveis resultados de um processo de conquista a “ação recíproca” entre os modos de produção postos em contato, produzindo-se “algo novo”, “uma síntese”.

O desenvolvimento e a expansão do capital provocam a ampliação das contradições sociais na medida em que, inclusive, chega a reproduzir o personagem não especificamente capitalista do “camponês”. No meio rural brasileiro a reprodução da força de trabalho familiar dos pequenos agricultores é coberta em sua maior parte pela produção direta dos meios de vida, o que dispensa o dispêndio monetário para a subsistência da família dos que trabalham a terra. Estes – meeiros, arrendatários, trabalhadores rurais, parceiros etc. - absorvem, através da produção direta dos meios de vida e da utilização extensa da força de trabalho familiar, os rendimentos negativos da sua produção mercantil. Pois se a família rural, em regra, não apresenta um rendimento monetário para cobrir sequer a sua força de trabalho, na verdade está havendo uma transferência de sobretrabalho para o conjunto do sistema produtivo e à acumulação do modo capitalista de produção (SANTOS, 1978).

A reprodução de relações de produção não capitalistas na agricultura pode ser explicada pela necessidade de superar a baixa rentabilidade de pequenos e médios empreendimentos rurais em relação às atividades urbanas, devido ao processo de transferência de rendimentos via a deterioração dos preços dos produtos agrícolas dirigidos ao mercado interno diante dos de origens industriais e do agronegócio, estes, primordialmente, ao mercado internacional. O desenvolvimento do capitalismo no Brasil em sua dificuldade de gerar, além da renda da terra, o lucro para certos produtos agrícolas (especialmente os gêneros alimentícios de primeira necessidade), tem que recriar no campo a pequena produção de base familiar, relações de produção que embora apareçam na infraestrutura econômica do modo de produção capitalista, não são tipicamente capitalistas (LOUREIRO, 1977).

Em resumo, as formações sociais dependentes apresentam regularmente estas três características (daí os seus enormes desajustamentos e tensões internas): A) Combinações de distintos modos de produção, capitalista e pré-capitalista; B) Sobreposição de fases distintas no modo de produção capitalista; C) No interior deste, cada fase caracteriza-se pela existência dum modelo de acumulação (dependente) que é dominante. (MORAGA, 1977, p.17)

Faz-se necessário precisar aspectos essenciais dos conceitos de modo de produção e formação econômico-social: 1) a natureza hipotética dos esquemas marxistas de evolução das sociedades e, em geral, das condições teóricas; 2) o caráter de modelo da noção do modo de produção, abstração construída a partir do real, mas que o reduz a suas estruturas essenciais e só permite colocar a evolução em termos de desenvolvimento das possibilidades e impotências internas das referidas estruturas; e 3) a necessidade de provar a validade dos esquemas hipotéticos ao nível da história concreta, cuja “infinita variedade” deve permitir decifrar (GODELIER, 1976).

Em síntese, nossa tese é que o conceito de modo de produção, enquanto modelo

abstrato que busca abarcar um determinado bloco histórico, na concepção de Gramsci (PORTELLI, 1977), tem o sentido metodológico do tipo ideal weberiano em que se busca a explicação da realidade social em análise pela aproximação à construção teórica empreendida.

6 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

As últimas duas décadas do século XX, mais que uma nova conjuntura, demarcam o início de um novo bloco histórico, cujas características fundamentais se intensificam no atual milênio. A revolução científica, tecnológica, organizacional e informacional que antecipa e acompanha essa totalidade faz emergir o mundo da internet, das empresas virtuais e redes sociais, em que conceitos como tempo, espaço e território são ressignificados, colocados em suspensão.

Na pós-modernidade, enquanto lógica cultural do capitalismo tardio ou da etapa avançada do capital monopolista internacional, a infraestrutura econômica e a superestrutura ideológica da sociedade formam um amálgama (JAMESON, 1986).

O mundo virtual, a educação digital e globalização econômica neoliberal fizeram brotar novas contradições, atores e sujeitos do processo socio-histórico, como os denominados novos movimentos sociais – de gênero, antiglobalização, étnicos, ambientalistas, antirracistas, pacifistas, neofeministas, dentre tantos - que relativizam a noção e o sentido político dos conceitos de classe social e consciência de classe, como fundamentais no âmbito das condições subjetivas para a transformação revolucionária das sociedades e edificação / construção de uma nova ordem social global.

Entretanto, o decodificar da lógica do processo socio-histórico, parece- nos, sem recair no exercício ingênuo de uma futurologia, mas, ao contrário, buscando identificar indícios para uma construção científica sociológica de cenários, que a unipolaridade hegemônica global pós fim do Muro de Berlim encontra-se em contínuo descenso. Esta tendência, ao nosso ver, em prol de relações multipolares, traz consigo intensas possibilidades, mas novos desafios, seja para a afirmação utópica, no sentido frankfurtiano, da ideia força do paradigma da sustentabilidade, ou, ao seu inverso, a um episódico – mas não descartável - cataclisma nuclear.

O hedonismo imaginativo, fruto do inconsciente coletivo que incita ao deslocamento, da ideologia do consumo que a indústria cultural capitalista intensifica, do imaginário simbólico que agora se constitui da necessidade de diferenciação e da afirmação do individualismo, da compulsão coletiva do “eu” sobre o “nós” (GAMA, 2021), dialeticamente afirma o indivíduo, partindo de suas representações sociais e consequentes ações coletivas, enquanto principal e potencial sujeito histórico (GAMA, 2020b).

Ao compartilharmos da concepção dialética idealista materialista do caráter da realidade social como conformada por um todo articulado de base econômica e superestrutura

ideológica (GAMA, 2020c), a busca pela compreensão do processo socio-histórico deve apreender duas dimensões: a complexidade e diversidade dos modos de produção (a China seria capitalista e / ou socialista?) e o papel dos indivíduos potencializados como atores sociais sujeitos da História, no novo milênio do bloco histórico da civilização (ainda?) hegemonicamente cristã ocidental.

Por meio dessa contínua investigação poderemos municiar-nos intelectualmente, capacitar-nos para uma compreensão científica do presente e da realidade social em que todos somos sujeitos e atores de transformação e / ou manutenção da ordem social estabelecida, local, regional e / ou global.

O paradigma teórico originário do conceito de modo de produção continua pujante na busca de uma compreensão do processo socio-histórico. Devem-se estimular as novas gerações de estudantes de Ciências Sociais e Humanas a resgatar a riqueza e a complexidade dessa discussão teórica e as extrapolarem para todas as ciências, cujos parcos contornos delineamos neste ensaio, apenas com a singela pretensão de darmos a nossa contribuição, como um legado.

REFERÊNCIAS

- BORON, A. A. A social theory for the 21st century? **Current Sociology**. Montreal, vol. 47, nº4, pp.47-64, 1999.
- BRAUDEL, F. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1976.
- CARDOSO, C.; BRIGNOLI, H. P. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FIORAVANTI, E. El Concepto de Modo de Producción. Barcelona: Ediciones Península, 1974.
- _____. Modo de produção, formação social e processo de trabalho. In: GEBRAN, P. (Org.). **Conceito de Modo de Produção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GAMA, Hélio F. L. N. da. Conhecimento socio-histórico. **Contra a Corrente: Revista Marxista de Teoria, Política e História Contemporânea**, Ano 2, n. 3, CEPESB, Brasília, 2010.
- _____. Conhecimento socio-histórico e a ideia de estrutura social. **Contra a Corrente: Revista Marxista de Teoria, Política e História Contemporânea**, Ano 3, n. 5, CEPESB, Brasília, 2011.
- _____. As ciências sociológica e histórica: Uma interdisciplinaridade estrutural. In: (Org.). PURIFICAÇÃO, M. M.; PESSOA, M. T. R.; CATARINO, E. M. **Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da População Brasileira**. [recurso eletrônico]. Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2020a. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3317>
- _____. A disputa do positivismo e da dialética na sociologia alemã: Algumas considerações. In: FERREIRA, G. H. C. (Org.). **As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual**. [recurso eletrônico] Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2020b. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3177>

_____. A dialética da totalidade concreta de Karel Kosik. In: Reflexões sobre Temas e Questões em Áreas Afins à Filosofia. [recurso eletrônico]. Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2020c. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3487>

_____. Questões epistemológicas: Para uma compreensão do turista híbrido. **Brazilian Journal of Development** 7 (1), 8624-8643, 2021. Disponível em: Questões epistemológicas: Para uma compreensão do turista híbrido / Epistemological issues: For an understanding of the hybrid tourist | da Gama | Brazilian Journal of Development (brazilianjournals.com)

GEBRAN, P. Introdução. In: GEBRAN, P. (Org.) **Conceito de Modo de Produção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GODELIER, M. **Sobre as Sociedades Pré-Capitalistas**. Lisboa: Edições Seara Nova, Coleção Universidade Livre, 1976.

HARNECKER, M. **Los Conceptos Elementares del Materialismo Histórico**. México: Siglo XXI, 1971.

HOBSBAWN, E. J. De la historia social a la historia de la sociedad. **Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Science**, vol. 97, nº 1, pp. 61-94, 1971.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1986.

LOUZEIRO, M. R. G. **Parceria e Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Vol. I. 3a ed. Lisboa: Editorial Presença, 1968.

MARX, K. **Prefácio a la Contribución a la Crítica de la Economía Política**. Madrid: Alberto Corazón Editor, 1970.

_____. Critique de l'économie politique. In: **Oeuvres**, I. Paris: Gallimard, 1977.

MORAGA, E. G. **O Estado Nas Sociedades Dependentes**: O caso da América Latina. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

MOURA, M. C. B. **Sobre o conceito de “modo de produção”** (Alguns problemas gerais de periodização da história brasileira). Salvador, FFCH-UFBA, mimed, 23 pp., 1984.

PORTELLI, H. **Gramsci e o Bloco Histórico**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SANTOS, J. V. T. **Colonos do Vinho**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SOBOUL, A. Descrição e medida em história social. In: SOBOUL et al. **A História Social**: Problemas, fontes e métodos. Lisboa: Cosmos, 1975.

SOFRI, G. **O Modo de Produção Asiático**: História de uma controvérsia marxista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

STALIN, J. **Sobre el Materialismo Dialéctico y el Materialismo Histórico**. México: Grijalbo, 1972.

VILAR, P. **Crescimento y Desarrollo**. Barcelona: Editorial Ariel, 1974.

VYGODSKY, V. S. **Por Qué no Envejece “El Capital” de Marx**. Madrid: Villalar, 1978.

CAPÍTULO 2

ESPORTIVIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DE (NOVOS) CORPOS NA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI

Data de aceite: 12/12/2022

Fernanda Ramos Parreira

Docente Adjunta da Faculdade de Educação Física e Dança, da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Sociologia (UFG); Mestre em Ciência Política (UFG); Cientista Social (UFG) e Graduada em Educação Física (UEG)
<http://lattes.cnpq.br/7773546658792556>

SPORTIVIZATION AND THE PRODUCTION OF (NEW) BODIES IN THE SOCIETY OF THE 21ST CENTURY

ABSTRACT: Thinking about [re]production of bodies in today's society demands a reflection based on classical authors of sociology, as Marx and Weber, to understand the role of sport, in particular the performance sport in shaping not only the bodies of those who actively participate in this universe. But also the bodies of the spectators of this kind of sport. It is worth noting that the contemporary sport is an effective tool in the dissemination of esthetics standards, consumption patterns and ideologies.

KEYWORDS: Body, Sport, Merchandise, Classical Sociology.

RESUMO: Pensar na [re]produção dos corpos¹ na sociedade atual demanda uma reflexão aportada em autores clássicos da sociologia, como Marx e Weber, visando compreender o papel do esporte, em especial o esporte de rendimento, na conformação não apenas dos corpos daqueles que participam ativamente deste universo. Mas, também, nos corpos dos espectadores deste tipo de esporte. Vale destacar, que o esporte na contemporaneidade é um instrumento eficaz na disseminação de padrões estéticos, de consumo e de ideologias.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Esporte, Mercadoria, Sociologia Clássica.

INTRODUÇÃO

O corpo, elemento inquietante e inquietado, é a “máquina” mais explorada e dominada na sociedade do capital. Logicamente, após a revolução industrial, a sociedade burguesa tratou de criar mecanismos capazes de potencializar a

¹ Compete esclarecer que ao longo do artigo ao mencionarmos o termo “corpo”, este é referenciado com base na perspectiva conceitual de corpo social, e não na concepção biologicista ou biomédica.

força produtiva dos corpos dos operários e extirpar os excessos que pudessem prejudicar a acumulação econômica dos detentores dos meios de produção.

Neste contexto a ginástica legitima-se como uma prática corporal capaz de colaborar a produção de corpos disciplinados, alienados e produtivos. No decurso histórico o corpo é engendrado por uma maquinaria de poder, e dentre os componentes desta máquina de produzir corpos dóceis e disciplinados apontam-se as práticas esportivas (FOUCAULT, 1987).

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 1987 p. 71).

Recentemente é possível, ainda, reconhecer que as práticas corporais e esportivas não são indissociáveis ao interesse de produção de corpos disciplinados, obedientes e produtivos. Conquanto, na contemporaneidade as práticas esportivas avançam na construção de corpos enquanto mercadorias e/ou bens de consumo.

O corpo que antes era o meio necessário a produção de mercadorias, no contexto atual passa a integrar efetivamente como mais um objeto idolatrado e desejado pela sociedade do capital.

O presente estudo aporta-se na abordagem qualitativa. Flick (2004) menciona que a pesquisa qualitativa torna-se relevante no contexto atual em decorrência da complexidade existente nas relações sociais. Para esse autor:

A mudança social acelerada e a consequente diversificação de esferas de vida fazem com que pesquisadores sociais defrontem-se, cada vez mais, com novos contextos e perspectivas sociais; situações tão novas para eles que suas metodologias dedutivas tradicionais – questões e hipóteses de pesquisa derivadas de modelos teóricos e testadas sobre a evidência empírica – fracassam na diferenciação de objetos. Consequentemente, a pesquisa é, cada vez mais, obrigada a utilizar estratégias indutivas: em vez de partir de teorias para testá-las, são necessários “conceitos sensibilizantes” para a abordagem de contextos sociais a serem estudados (ibidem, p. 18).

Weber (1999) defende que a ciência social é uma ciência que necessita entender a realidade que permeia determinada sociedade, tanto as conexões presentes nas diversas manifestações culturais e sociais quanto as causas que configuram historicamente essa realidade de uma forma e não de outra. Para isso, este estudo busca construir uma reflexão sobre a configuração esportiva na sociedade contemporânea pautando-se em autores da sociologia clássica, como Marx (1978; 2007; 2008; 2012) e Weber (1963; 1995; 2001; 2009), bem como autores da sociologia do esporte e do lazer, Elias & Dunning (1985) ;

Dumazedier (1999); Guttman (1978) e da sociologia do corpo, Corbin et. al. (2011); Le Breton (2006); Codo & Senne (2004) e Foucault (1984; 1987).

Utiliza, ainda, de dados visuais/iconográficos, extraídas de blogues, páginas institucionais e rede sociais no intento de corroborar a discussão teórica empreendida acerca da construção de modelos e padrões de corpos através da prática esportiva hegemônica.

CORPO E ESPORTE: ENTRE O SUJEITO E O OBJETO

O esporte através das relações humanas de determinada sociedade toma-se como elemento naturalizado. Conquanto, discorrer sobre o desporto exige que tal construção teórica seja engendrada e contextualizada a história humana e a criação de distintos conceitos, concepções e valores construídos ao longo da história.

No que concerne ao universo esportivo é interessante ressaltar que as modalidades esportivas já eram identificadas na antiguidade, em especial, na sociedade grega e romana. Conquanto, o modelo esportivo constituído na sociedade contemporânea fundam suas bases no modelo esportivo consolidado na sociedade moderna.

Guttman (1978) desenvolve sua tipologia esportiva a partir da sociedade antiga à sociedade moderna, e fica evidenciada a construção de diferentes tipos de esporte conforme as mudanças e transformações da sociedade ao longo da história humana.

O esporte moderno, conforme tipifica Guttman (1978), apresenta características de um mundo descrito por Weber como racional e especializado. Esse tipo de esporte apresenta-se racional; secular; permite a igualdade de chances; promove a especialização das tarefas e papéis; é burocrático; e com foco em mensurar resultados e recordes.

A racionalização do esporte, em meados do século XIX e início do século XX, conceituado por Elias e Dunning (1985) como desportivização, resume-se como um mecanismo eficaz no processo civilizador da sociedade ocidental moderna, exatamente pelas características apresentadas por Guttman.

A esportivização, considerada como a racionalização² do esporte, também descreve a essência dessa sociedade que se encontra impregnada de racionalização, intelectualização, burocratização e principalmente pelo “desencantamento do mundo”, e essa configuração social baniu valores supremos e sublimes (WEBER, 2001). O aspecto lúdico das práticas corporais aos poucos foi extinto para dar lugar a regras, a especialização, a periodização do treino e o uso comedido e controlado do corpo.

Corbin; Courtine e Vigarello (2011) acerca da esportivização retomam o início do século XX e destacam que

As práticas físicas desposam as máquinas de sua época neste começo do

2 Racionalização, sob o ponto de vista weberiano, remete a ação, ou seja refere-se as ações sociais racionalmente orientadas (WEBER, 1995).

século XX, e os materiais novos também, a passagem da madeira ao aço, por exemplo, que já tinha começado para o esporte no final do século anterior: o recurso aos canos de ferro para a base dos aparelhos de ginástica, ao aço alongado para a elasticidade das barras fixas, ao duralumínio para diminuir o peso dos motores de competição. E isso transforma ainda as motricidades, entregue mais às velocidades, aos impulsos, às agilidades. Coisa que aproxima ainda mais as práticas físicas e modernidade, a convergência exaltada pelo Manifesto Futurista do princípio do século XX, evocando “o borbulhar vertiginoso do mundo”, este universo “plástico, mecânico, esportivo” (ibidem, 2011 p. 207).

O esporte, dentre as demais práticas físicas, é costumeiramente utilizado devido suas características e meios que propiciam a dominação e o controle sobre os corpos individuais que compõem a sociedade moderna. O esporte por meio de suas técnicas e métodos é capaz de legitimar o poder de um grupo social sobre outro.

A dominação, na perspectiva weberiana, está relacionada a “[...] probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas” (WEBER, 2009 p. 139). Ademais, a dominação advém da relação de autoridade existente entre aquele que exerce o poder de dominação para com aquele que se submete ao poder de dominação, seja de forma inconsciente ou a partir de pressupostos racionais-legais.

No tocante a dominação, existem três tipos puros de dominação legítima: 1.de caráter racional, 2.tradicional e 3.de cunho carismático. No primeiro caso a dominação se impõe através de mecanismos legais e estruturadas em regras rationalmente estabelecidas(WEBER, 2001; 2009).

O tipo puro de dominação tradicional se fundamenta em costumes e valores enraizados nos homens, que são transmitidos de geração a geração e solidificam-se através de uma validez imemorial e pelo hábito. O terceiro tipo, chamado de carismático, apresenta o poder de dominação a partir de uma figura pessoal que ascende uma devoção e confiança, constrói-se uma relação messiânica e profética entre o indivíduo que exerce o domínio e os dominados (WEBER, 2001; 2009).

No caso do esporte podemos apontar que primeiramente é possível identificar o tipo de dominação racional-legal, uma vez que, através das leis mecânicas/físicas e dos pressupostos biológicos/fisiológicos, os corpos dos sujeitos submetidos a dominação e controle são convencidos a moldar seus corpos conforme os ditames esportivos e sociais.

O corpo se vê aqui, da cabeça aos pés, “tecnicizado”, sempre mais atravessado pelos modelos da sociedade industrial. [S]ubmissão às regras máximas de eficácia biomecânica em primeiro lugar, segundo um cálculo sofisticado de vetores, de forças, de durações, mas também atenção sempre mais viva aos erros e aos imprevistos em seguida, aqueles que a prática lúdica não pode evitar totalmente (CORBIN, COURTINE E VIGARELLO, 2011 p. 209).

Instrumentos de medição do desempenho e de resultados, como exemplo

cronômetro, velocímetro, acelerômetro, espirômetro, dentre tantos outros, são criados buscando racionalizar as práticas corporais e, substancialmente, racionalizar o uso do corpo.

À sociedade industrial o esporte assume uma função complementar a de permitir que a população, em especial operária, ocupem seu tempo fora do trabalho de forma produtiva e sem vícios. Elias & Dunning (1985) compreendem que as sociedades industrializadas dividem seu tempo em dois momentos, o tempo do trabalho e o tempo livre. Substancialmente, não necessariamente o tempo livre corresponde ao tempo destinado ao lazer e/ou atividades prazerosas.

Um dos principais traços fisionômicos das sociedades altamente diferenciadas e abastadas do nosso tempo é o facto de apresentarem uma variedade de atividades de lazer superior a qualquer outra sociedade que se possa imaginar. Muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir emoções agradáveis e controladas (ELIAS & DUNNING, 1985 p. 73).

Para discriminar os espaços e tempos sociais destinados as atividades de lazer, Elias & Dunning (1985) criam uma tipologia provisória no intento de explicar o tempo livre pautado na polarização convencional do trabalho e lazer, exemplificados no quadro abaixo:

Trabalho doméstico ou privado	Atividades vinculadas ao ambiente familiar-doméstico: Afazeres domésticos, criação dos filhos; e demais atividades de provisão da casa.
Repouso	Refere-se as atividades de reposição das energias físicas e mentais a partir de ações como dormir, sentar, fumar, ou o ato de não fazer nada.
Provimento das necessidades fisiobiológicas	Comer, beber, defecar, procriar.
Sociabilidade	Remete as ações focadas nas relações interpessoais. Muitas vezes está associada ao universo do trabalho como visitar ou sair com colegas; participar de eventos corporativos.
Atividades miméticas ou jogo (Tempo de Lazer)	Atividades de cunho pessoal e desinteressado, capazes de gerar satisfação e divertimento: ir ao teatro ou cinema; assistir espetáculos esportivos; caçar ou pescar; praticar uma atividade/modalidade esportiva; pintar um quadro; dançar ou assistir televisão.

QUADRO 1 – Atividades de tempo livre: Classificação Provisória.

Fonte: Adaptado pela autora de Elias & Dunning (1985).

Dumazedier (1999) e Codo & Senne (2004) reconhecem o lazer como uma categoria que emerge da urbanização e industrialização durante o século XIX. Ademais, “[é] impossível compreender o lazer sem compreender o trabalho (CODO & SENNE, 2004 p. 36).

Essa incompatibilidade de debater o lazer sem pensar o trabalho ocorre exatamente pela configuração da sociedade moderna. Anteriormente, nas sociedades pré-industriais, havia uma dificuldade em diferenciar o tempo do trabalho, o tempo livre e o tempo de lazer (DUMAZEDIER, 1999). O lazer esportivo, em meio a essa conjuntura social, passa a ser inserido no cotidiano dos trabalhadores como mecanismo de reduzir as tensões, como prática de divertimento controlado e saudável.

A recente atualização da “Carta Internacional da Educação Física, Atividade Física e Esporte” incorpora conceitos que compreendem o esporte e a prática esportiva enquanto direito social. Essa perspectiva social ascende como um movimento contrário a perspectiva hegemônica do esporte [esporte de rendimento/desempenho]. A referida carta recomenda aos organismos nacionais e internacionais que sejam criadas iniciativas promotoras do esporte para o desenvolvimento social e a cultura da paz.

As novas concepções engendradas ao campo esportivo vinculado a ideia de empoderamento e desenvolvimento social, ainda apresentam ações incipientes em relação as ações focadas no esporte de desempenho ou rendimento. Pois, em uma sociedade fundada em princípios capitalistas, o esporte, por sua vez, atua como mecanismo de manutenção do *status quo* e na construção de um ideário mercadológico do corpo, constituindo-o como mercadoria e/ou objeto de desejo.

CORPO, MERCADORIA E SOCIEDADE

Antes de iniciarmos a discussão sobre a relação entre corpo e mercadoria é fundamental retomarmos conceitos marxianos acerca de mercadoria, capitalismo e propriedade privada. Retomar tais conceitos propicia uma reflexão sobre o papel do esporte na contemporaneidade na [re]produção de corpos a partir do paradigma hegemônico esportivo.

Marx (1978) ao iniciar seu argumento sobre a mercadoria discorre de imediato que a riqueza da burguesia está na enorme acumulação de mercadorias. Para além dessa constatação, a teoria marxiana considera a mercadoria a partir de duplo aspecto: o valor-de-uso e o valor-de-troca.

Os valores de uso são imediatamente meios de subsistência. Mas, inversamente, estes meios de subsistência são eles próprios produtos da vida social, resultado de força vital humana gasta, *trabalho objetivado*. Como encarnação do trabalho social, todas as mercadorias são cristalizações da mesma unidade. É preciso considerar agora o caráter determinado desta unidade, isto é, do trabalho que se apresenta no valor de troca (MARX, 1978 p. 136).

Retomando o primeiro ato histórico da humanidade é possível compreender a função da mercadoria na vida humana. A mercadoria nada mais é que um objeto criado/produzido para atender as necessidades humanas, sejam estas de subsistência, de consumo, ou

indiretamente, como meio de produção (MARX, 2012).

Cada coisa útil, como ferro, papel, etc., pode ser considerada sob duplo aspecto, segundo qualidade e quantidade. Cada um desses objetos é um conjunto de muitas propriedades e pode ser útil de diferentes modos. Constituem fatos históricos a descoberta dos diferentes modos, das diversas maneiras de usar as coisas, e a invenção das medidas, socialmente aceitas, para quantificar as coisas úteis (ibidem, p. 57).

No contexto esportivo, através da racionalização do esporte e a construção de métodos e técnicas de mensuração do rendimento e desempenho dos indivíduos, identifica-se essa objetificação dos corpos. Os resultados advindos dessa quantificação esportiva são, assim, divulgados nos meios midiáticos e mercadológicos a fim de captar consumidores e disseminar concepções, valores e ideologias.

Se para Marx (2008) a mercadoria é a materialização do trabalho humano, sendo que este remete a necessidade de produzir bens necessários a sobrevivência humana. Na sociedade capitalista, através do fetichismo, essa lógica se inverte através da “humanização” da mercadoria e objetificação do homem. Desse modo, as práticas esportivas tendem a contribuir, e muito, nesse processo de objetificação do corpo, e consequentemente, do homem.

A história circunscreveu, e ainda circunscreve, o corpo conforme os interesses e necessidades sociais. “A genealogia, como análise da providência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 1984 p. 15).

Le Breton (2006, p.28), seguindo a perspectiva histórica discutida por Marx e Foucault, no que concerne a construção do corpo, menciona que “[o] corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena”.

O corpo, na sociedade capitalista, conforma-se como objeto, mercadoria, e, por vezes um ser estranhado e alienado. Marx (2010) permite tal reflexão ao afirmar que “[o] trabalho não produz apenas mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral” (ibidem, p. 80).

Para Marx existem dois aspectos que geram o ato de estranhamento da atividade humana:

- 1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com ato da produção no interior do trabalho. Esta relação do trabalhador com sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia

espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele (ibidem, 2010 p. 83)

O esporte, através do lazer esportivo, como mencionado anteriormente, torna-se um instrumento eficaz na produção de corpos, e claro, na inculcação de modelos de corpos. Em meados do século XX, o modelo de corpo atlético se apresenta a sociedade ocidental. Para Corbin; Courtine e Vigarello (2011 p. 215) “[o] mundo do trabalho e da indústria com seus ritmos acelerados, o ambiente das repartições e dos escritórios com seus códigos de adaptabilidade orientam cada vez mais o tônus e a esbelteza”.

Além do uso do corpo através da venda da força de trabalho aos proprietários dos meios de produção, o corpo através do uso de mercadorias passa a ser também objetificado. Na sociedade atual, não é o “jeans” que deve servir o corpo do indivíduo, mas opostamente, é o corpo que deve “caber” no “jeans”. Sob esse prospecto o esporte através do *marketing* esportivo tende a influenciar tendências, hábitos, padrões estéticos, morais e comportamentais.

UMA NOVA CONCEPÇÃO DE CORPO NA SOCIEDADE DA OSTENTAÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada pelo elevado nível tecnológico, a chamada cultura *high-tech*, e desenvolvimento digital. Em tempos de blogueiras *fitness*, super-atletas, e equipamentos esportivos de última geração, não é difícil perceber que essa sociedade tem construído não apenas modelos de corpos, mas modos de vida.

Le Breton (2006 p. 77) disserta que “[o] corpo também é, preso no espelho do social, objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita”. Assim, em tempos digitais e de ostentação do consumo, os corpos são engendrados como máquinas reprodutivistas de estilos, de modos, de valores, de costumes e de padrões estéticos. “A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc.[...].” (LE BRETON, 2006 p. 77).

Nos últimos anos figuras públicas, comumente chamadas de webcelebridades, têm feito uso de mídias sociais para divulgação de padrões estéticos de corpos alcançados através de treinamento esportivo, utilização de suplementos alimentares e equipamentos e materiais esportivos de última geração. Na Figura 1, extraída de revista feminina eletrônica *VilaMulher*, apresentam-se três blogueiras *fitness* que tem sido elevadas ao grau de referência e modelo de corpo na sociedade brasileira.



Figura 1: Gabriela Pugliesi, Bella Falconi e Carol Buffara. Disponível em: <<http://www.vilamulher.com.br/bem-estar/fitness/6-blogueiras-fitness-para-seguir-no-instagram-680063.html>> acessado em 25 de julho de 2016.

Esses modelos de corpos são [re]produzidos através da profetização de um modelo de corpo amplamente divulgado pelos profetas das redes sociais (*facebook*, *instagram*, *snapchat*, *twitter*, etc.). Retomando o conceito de profeta, pautado na teoria weberiana, é o portador de carisma puramente pessoal que anuncia uma “*doutrina religiosa*” ou um mandamento divino. Neste caso, a “*nova religião*” apresenta como templos de contemplação e de culto desses corpos-mercadorias, as academias de ginástica, os estádios, os espaços ao ar livre, e inclusive, no mundo virtual, as páginas das *webcelebridades fitness*.

Neste contexto social, o corpo enquanto mercadoria intensifica o processo de reificação, de alienação e o fetichismo na sociedade de ostentação. Fraga (2006 p. 66) descreve que não está distante o “[...] tempo em que essas anatomias emergentes serão patenteadas e expostas como um sofisticado acessório de consumo nas prateleiras dos eventos esportivos mais significativos.

Proni (1998) disserta que o esporte-espetáculo toma-se como um meio eficaz no processo de divulgação e inculcação de padrões estéticos e de consumo na sociedade contemporânea. “O espetáculo, seja ele qual for, é o que predomina desde as primeiras décadas do século XX” (CORBIN, COURTINE E VIGARELLO, 2011 p. 448). As grandes empresas multinacionais vêem o espetáculo esportivo como mecanismo de divulgação não apenas de seus produtos, mas também de suas marcas.



Figura 2: Parceiros dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Disponível em: <<http://touchline.digipage.net/olympicreview/issue96/46-1>> acessado em 25 de julho de 2016.

O *marketing* esportivo se configura sob dois tipos, o *marketing* do esporte e o *marketing* através do esporte. A figura 2 permite analisar que diversas marcas não se fundam nos princípios esportivos ou da promoção da saúde, a exemplo *Visa* e *McDonalds*. No entanto, participam como membros-parceiros na organização de megaeventos esportivos tendo em vista essa classificação do *marketing* esportivo.

O *marketing* do esporte refere-se a divulgação de mercadorias vinculadas ao esporte, desde vestimentas, equipamentos eletrônicos de mensuração do desempenho, produtos alimentícios para esse fim, conforme apresentado em figura 3 e 4 a seguir:



Figura 3: Campanha publicitária Nike para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Disponível em: <http://www.nike.com.br/?utm_source=Brand&utm_medium=VemJuntoSite&utm_campaign=VemJunto&utm_content=NavBar> acessado em 25 de julho de 2016.



Figura 4: Campanha publicitária Adidas para Copa Mundial de Futebol 2014. Disponível em: <<http://www.integratedbrands.org/news/adidas-and-nike-go-head-to-head-at-the-world-cup-with-integrated-campaigns>> acessado em 25 de julho de 2016.

Em ambas campanhas de *marketing* esportivo utilizam atletas convertidos em heróis de uma nação. Para Vigarello (2011) os atletas são heróis dos esportes que jogam com “[...] as grandes fraturas políticas, os totalitarismos, as valorizações obscuras onde propaganda e cinismo podem dar-se as mãos” (ibidem, p. 459).

O *marketing* através do esporte é explorado pelas corporações multinacionais que utilizam a amplitude de alcance dos megaeventos esportivos para “fisgar” um elevado número de consumidores. Empresas internacionais, como o Mcdonalds, divulgam sua marca e seus produtos em jogos olímpicos desde 1976.

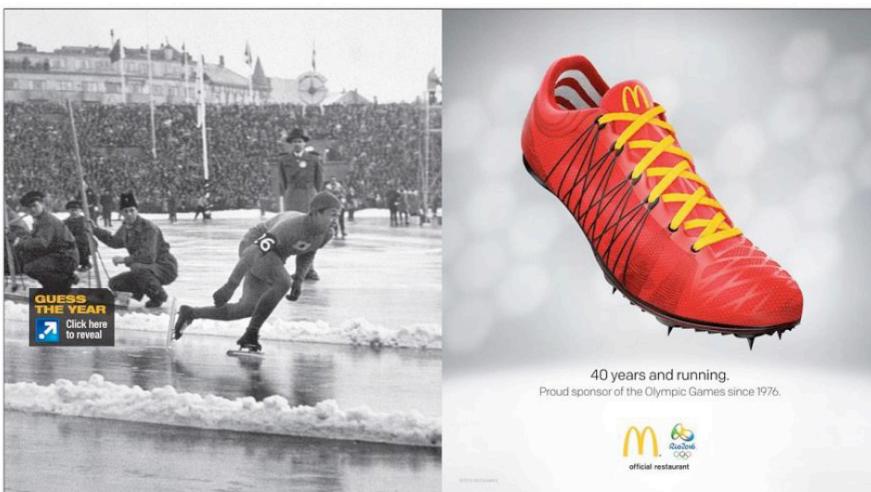


Figura 5: Campanha do COI – Apresentação dos parceiros dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Disponível em: <<https://www.olympic.org/rio-2016>> acessado em 25 de julho de 2016.

Importante destacar as contradições existentes no universo do *marketing* esportivo e a relação entre o esporte e empresas que fogem aos discursos proferidos pelo mundo esportivo. A rede de *fast food* Mcdonalds é alvo de duras críticas no que se refere ao baixo valor nutricional e os riscos à saúde gerados pelo consumo de alimentos produzidos por essa rede alimentícia multinacional. Conquanto, há quarenta anos é parceira na organização dos Jogos Olímpicos Mundiais, mega-evento esportivo gestado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) que através do movimento olímpico define como ações que não coadunam as práticas mercadológicas do Mcdonalds.

O Movimento Olímpico é definido por inúmeras ações, tais como:

Promoção de competições esportivas por intermédio de instituições esportivas nacionais e internacionais em todo o mundo;

Cooperação entre organizações públicas e privadas para promover o esporte a serviço da humanidade;

Assistência para o desenvolvimento do "Esporte para Todos";

Crescimento da participação feminina no desporto em todos os níveis e estruturas, como vista a alcançar a equidade entre homens e mulheres;

Oposição a todas as formas de exploração comercial do desporto e dos atletas;

A luta contra o doping;

Promoção da ética esportiva e o *fair play*;

Sensibilização para os problemas ambientais e

Supoite financeiro e educacional aos países em desenvolvimento através do "COI Solidariedade Olímpica" (COI, 2016).

Espetáculos esportivos como os realizados pela Liga Nacional de Futebol Americano (NFL) faturam milhões de dólares, cada segundo de publicidade no intervalo do evento final "Superbowl" custa quatrocentos e cinco mil dólares aos anunciantes. Le Breton (2006) disserta que o esporte-espetáculo é um mercado em extenso e intenso crescimento, pois

[...] renova permanentemente as marcas que visam a manutenção e a valorização da aparência sob os auspícios da sedução ou da "comunicação". Roupas, cosméticos, práticas esportivas, etc., formam uma constelação de produtos desejados destinados a fornecer a "morada" na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo.

Os "novos" corpos [re]produzidos na atual sociedade são constituídos como produtos destinados ao consumo.

Novas perspectivas para o esporte, fundadas em uma visão não-hegemônica e dominante, necessitam ser debatidas e incorporadas na realidade da sociedade ocidental como mecanismo de emancipação e superação do modelo estabelecido pelo sistema capitalista que [re]produz corpos alienados, estranhados e objetificados.

REFLEXÕES FINAIS

O que é um corpo perfeito? Beleza tem padrão? Quem define o que é esteticamente belo ou feio? Todas essas questões permearam a discussão empreendida ao longo de todo esse artigo, e tentou-se respondê-las a partir da reflexão sobre o poder da sociedade capitalista e suas ações racionais na [re]produção dos corpos.

O esporte no decorrer da história foi se moldando e alterando conforme as necessidades humanas e sociais. Conquanto, quem melhor desenvolveu o uso do esporte foi a sociedade burguesa e industrial.

No século XIX o esporte passa a ser utilizado como instrumento capaz de disseminar os ditames e normas de construção de uma sociedade civilizada. Após o processo de urbanização e industrialização da sociedade inglesa, esse passa a atuar no fomento da produtividade do trabalhador, bem como, como mecanismo de controle e disciplina.

Na sociedade atual o que se vislumbra é o fortalecimento dos ditames capitalistas e mercadológicos através da reificação do corpo. A corporaltria, essa “nova religião” apresentada a sociedade ocidental, é disseminada pelos meios de comunicação e mídias.

A era digital apresenta a sociedade um novo produto a ser ostentado e idolatrado: o corpo. Esse corpo ostentado reflete a alienação e objetificação do homem influenciado pela sociedade capitalista, e que se reconhece em um Deus da necessidade prática, o dinheiro, pois esse “[...] humilha todos os deuses do homem e os converte em mercadoria” (MARX, 2005 p. 48).

Mais que [re]pensar as práticas esportivas para o desenvolvimento social, é preciso [re]pensar o esporte como elemento de emancipação social dos corpos e dos homens. É necessário superarmos essa perspectiva esportiva hegemônica que domina e aleija nossos corpos sociais, e para que ocorra essa superação é fundamental que este seja [re]escrito, [re]pensado e [re]criado.

REFERÊNCIAS

CODO, W.; SENNE, W. A (2004). *O que é corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense.

COI (2016). Apresentação da Organização Internacional Olímpica. Disponível em: <<https://www.olympic.org/about-ioc-institution>> Acessado em 30 de julho de 2016.

CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G (2011). *História do corpo: As mutações do olhar: O século XX*. Petrópolis: Vozes.

DUMAZEDIER, J (1999). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.

ELIAS, N.; DUNNING, E (1985). *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL.

FOUCAULT, M (1984). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

- _____. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- FRAGA, A. B (2006). Anatomias Emergentes o Bug Muscular: Pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados.
- GUTTMANN, A (1978). *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University.
- LE BRETON, D (2006). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- MARX, K (1978a) *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.
- _____. (1978b). *Para a crítica da economia política*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.
- _____. (2005). *A questão judaica*. São Paulo: Centauro.
- _____. (2007). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes de Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo.
- _____. (2008). *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Martin Claret.
- _____. (2012). *O capital: crítica da economia política: livro I*. 3^a ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PRONI, M. W (1998). *Marketing e Organização Esportiva: Elementos para uma história recente do esporte-espetáculo*. Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v.1, n.1, p. 82-94, jul./dez.
- VIGARELLO, G (2011). Treinar. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. *História do corpo: As mutações do olhar: O século XX*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2011). O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. *História do corpo: As mutações do olhar: O século XX*. Petrópolis: Vozes.
- WEBER, M (1963). *Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. LTC.
- _____. (1995). *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*. São Paulo: Ed. USP.
- _____. (2001). *Ciência e Política: Duas Vocações*. São Paulo: Ed. Martin Claret.
- _____. (2009). *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4.ed. Brasília: Ed. UnB.
- UNESCO (2015). *Carta Internacional da Educação Física, Atividade Física e do Esporte*. Paris.

CAPÍTULO 3

OS COMPROMISSOS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA

Data de aceite: 12/12/2022

Adelcio Machado dos Santos

Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC). Docente, pesquisador e orientador nos Programas de Pós-Graduação "Stricto Sensu" em Desenvolvimento e Sociedade e em Educação da Uniarp Florianópolis (SC) Brasil

RESUMO: A solução de colossais problemas, representados pela constante marginalização da sociedade civil, excluída dos benefícios do crescimento econômico, demanda o contributo de princípios éticos e religiosos, visto que a hegemonia científica não logrou equacioná-los. O incremento da concentração da riqueza para pequenos grupos, aumentando dessa forma, as desigualdades sociais; a exacerbada dependência exógena, expressa pela ampliação dos índices de desnacionalização, de economia e pela crescente subordinação tecnológica, exigem a celebração de um novo pacto social, que permita às nações oprimidas enfrentar os reptos. A educação deve convergir para um fim bem definido. Nesse ínterim a educação religiosa objetiva principalmente preparar o humano para

seu encontro com a Transcendência, ademais de orientá-lo sobre a existência metafísica. Urge que a Igreja, no que se refere à educação, acentue sua presença evangelizadora não apenas por meio do influxo sobre a família e sobre as próprias escolas, conscientizando sobre a premência de, a par dos conteúdos curriculares, essenciais à Era do Conhecimento, estimule as mais nobres propensões, nomeadamente a solidariedade, o espírito fraterno e a libertação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Escola católica. Barca de São Pedro.

ABSTRACT: The solution of colossal problems, represented by the constant marginalization of civil society, excluded from the benefits of economic growth, demands the contribution of ethical and religious principles, since scientific hegemony has not been able to equate them. The increase in the concentration of wealth for small groups, thus increasing social inequalities; the exacerbated exogenous dependence, expressed by the expansion of the denationalization indexes, of economy and by the growing technological subordination, demand the celebration of a new social pact, that allows the oppressed nations to face

the challenges. Education must converge towards a well-defined purpose. In the meantime, religious education mainly aims to prepare humans for their encounter with Transcendence, in addition to guiding them about metaphysical existence. It is urgent that the Church, with regard to education, accentuate its evangelizing presence not only through the influence on the family and on the schools themselves, raising awareness about the urgency of, along with the curricular contents, essential to the Era of Knowledge, to stimulate noblest propensities, namely solidarity, fraternal spirit and liberation.

KEYWORDS: Education. Catholic school. Boat of San Pedro.

1 | INTRODUÇÃO

Os católicos constituem a maioria da Nação Brasileira, mas é difícil conceituar o que seja católico, porquanto a existência da maioria batizada convive o percentual elevado de católicos não-militantes. Certamente, há um grande senso de religiosidade no povo em geral, embora não raro unido à ignorância religiosa. Além disso, a Igreja representa uma das maiores, senão a maior presença social capaz de aglutinar grande parte da sociedade civil.

Os grandes problemas nacionais, representados pela constante marginalização da grande maioria da nação, excluída dos benefícios do crescimento econômico, que tem somente incrementado a concentração da riqueza, aumentando, em consequência, as desigualdades sociais; a exacerbada dependência do Brasil diante dos países centrais, expressa pela ampliação dos índices de desnacionalização, de economia e pela crescente subordinação tecnológica, exigem a celebração de um novo pacto social que permita ao país enfrentar, com êxito, os novos desafios que lhe estão sendo lançados. Com isto, para o crescimento integral do ser humano, especialmente no processo do desenvolvimento da inteligência da criança, não basta apenas dar a ela tecnologias, máquinas, computadores, pois todas estas coisas são apenas instrumentos que servem para as pessoas aprimorarem o conhecimento.

Segundo Comin (2001), a educação adestrou a sociedade através de um ensino forte e severo, em que aprendizagem não combinava com diversão. A aprendizagem também requer descanso, prazer, diversão e infelizmente algumas pessoas ainda não compreenderam que tudo isso combina. As pessoas estudam horas seguidas, algumas chegam ao esgotamento total e ao estresse, não se dando conta do grande estrago que fazem a si mesmas.

A educação objetivada por uma escola é o fruto da atividade integrada de todos os elementos da mesma escola, que devem convergir para um fim bem definido. O ensino religioso constitui um desses elementos, e seu efeito poderia ser muito obstaculizado se os outros elementos não convergissesem para uma visão de vida compatível com ele.

2 | EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Para Lubienska (apud Avelar 1978) o objetivo da educação é preparar o homem para seu encontro com Deus, isso porque sua visão antropológica define o homem como abertura para o infinito e a realização pessoal enquanto ser só é possível nessa relação. Assim, o objetivo da educação é favorecer o desenvolvimento da personalidade, impulsionando o esforço. A pedagogia de Lubienska implica uma metafísica e seus processos buscam conduzir o educando ao desenvolvimento harmonioso da personalidade, estabelecimento da supremacia do espírito.

De acordo com Avelar (1978, p. 35)

uma personalidade bem desenvolvida significa uma consciência liberta. Portanto, o objetivo da educação diz respeito à livre conscientização do aluno.

A consciência estará bem desenvolvida quando o educando se tornar responsável. Nesse caso, é preciso chegar-se à consciência moral. Contudo, para que o bem e o mal possam ser conhecidos e o hábito da escolha do bem seja formado, um longo caminho deve ser percorrido – é o caminho da educação.

A educação bíblico-litúrgica é dada através dos salmos que os pequeninos decoram com o auxílio dos gestos, do Evangelho e da liturgia celebrada para as crianças e com as crianças. A educação religiosa deve ser dada somente quando a criança tiver uma orientação básica da vontade para que o espírito infantil seja favorável ao ensino da doutrina. Lubienska em todas as suas obras dá primazia à educação religiosa por estar mais diretamente relacionada à finalidade última da educação. É dessa perspectiva que ela vê todo o trabalho dos educadores. Estabelecer na vida o primado do espírito, espírito como realidade metafísica, transcendente é para ela a principal função da educação.

Seu ponto de partida, pois, é a educação religiosa. Explicita toda a sua pedagogia a partir dela com um método próprio, o da liturgia com seus processos pedagógicos específicos; com um ambiente preparado e como o orientador, chave do sistema educacional. Sua atividade educativa mostra-se eficaz por atingir o homem todo: corpo-alma-espírito. Maria Montessori não iniciou o seu trabalho a partir da educação religiosa. Interessava-lhe uma experiência científica. Ela própria diz que só mais tarde foram lançadas as bases da educação religiosa (AVELAR, 1978).

Ora, enquanto Montessori coloca a educação religiosa ao lado da educação que prepara o homem face à realidade do mundo, Lubienska observa em todos os seus escritos a unidade entre os diversos aspectos da educação: todos devem partir da realidade espiritual e para ela convergir para que toda atividade física e psíquica lhe seja subordinada. Contudo, convém ressaltar que a abertura dos princípios educacionais de Montessori propiciou a evolução e concretização do pensamento educacional religioso em sua obra, e o que faz exatamente Lubienska é explicitar e fundamentar essa teoria implícita e difusa.

Lubienska explicitou a teoria cristã contida no Método Montessori e o divulgou. O

fato de Montessori defender o princípio vitalista do desenvolvimento não significa que tenha colocado a educação num plano meramente natural, como dizem alguns ao criticar o seu método de ensino. Montessori dedicou algumas de suas obras à educação religiosa.

A preparação da criança para a prática da religião é algo infinitamente mais vasto do que a memorização de certas verdades intelectuais. É uma vida em si mesma. A pedagogia bíblica deriva de uma filosofia subjacente em toda a Bíblia e inteiramente diversa na filosofia grega. Esta opõe matéria e espírito, despreza a matéria, considerando-a como má, como a prisão do espírito. A Bíblia ignora a matéria, só conhece o corpo, esse corpo que no homem está associado à alma e ao espírito para cumprir juntos a vontade de Deus.

O corpo que numa visão de unidade do homem é inseparável da consciência torna-se instrumento de sua educação. Nesse particular, recebe a influência do pensamento oriental que pretende levar o homem através do seu corpo à posse absoluta do seu espírito, ao domínio total do ser do homem.

Para Avelar (1978) a finalidade do ato educativo é conseguir a contemplação que permite ao homem defrontar-se intuitivamente com a única realidade. Uma das grandes discussões que hoje se travam em educação é acerca da verdade, ou do ensino da verdade na educação. Afirma-se, que a verdade não pode ser ensinada, nem transmitida, mas apenas descoberta pelas próprias pessoas. Outros ainda asseveram que não existe verdade objetiva, mas que toda verdade é subjetiva, criada pelo sujeito.

Faz parte da verdadeira educação atender a todas as dimensões da pessoa. E o aspecto religioso, ou de piedade, é parte integrante da pessoa, sem a qual ela fica mutilada e incompleta. E, para que a educação de fato alcance os seus objetivos de formar homens completos, física, psíquica, intelectual, moral e espiritualmente bem equilibrados, é necessário respeitar a autonomia e liberdade do homem, embora esta não seja absoluta (SCHMITZ, 1994).

Somente uma educação genuinamente cristã consegue realizar uma educação moral e mesmo intelectual plena, pois, por boas que sejam outras iniciativas, sempre faltará a dimensão transcendental que todo homem tem, mesmo que não a realize plenamente. A competência do professor era e é, ainda, uma das condições para a boa formação do caráter dos alunos. Entretanto, por outro lado, é necessário que a educação não dependa exclusivamente do professor. O aluno não deve depender somente do professor, embora seja ele quem o põe em prática e o dinamiza. Porém, entre os diversos professores, atividades, matérias e métodos, deve haver uma continuidade, para garantir a integração e complementação das aprendizagens.

A educação que se realiza hoje envolve desafios diferentes dos que tinham os educadores de algumas décadas atrás. Paradigmas que entusiasmavam os homens de outras épocas começam a ser questionados (ASSOCIAÇÃO DOS COLÉGIOS JESUÍTAS, 1998). Destarte, a educação é considerada um processo permanente em que o aluno, guiado por seus pais e acompanhado por seus professores, aprende a crescer humanamente

mediante sua interação com Deus, com a natureza, com as demais pessoas e com o saber acumulado pela humanidade. O processo da educação consiste no desenvolvimento da consciência face à única realidade que é o espírito. Não basta, porém, contemplar essa verdade. O homem educado deve ser ativo, isto é, deve estar atento à sua única possibilidade de realização em sua relação de dependência ao infinito e por isso importa que em todos os seus atos escolha o bem em face dessa relação. Daí a importância relevante do desenvolvimento da consciência moral.

3 I EDUCAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL

Quanto ao futuro da atuação da Igreja no Brasil no campo da educação, é interessante abrir um espaço para que nele se pudesse concentrar sinteticamente o modo de ver de católicos dedicados à causa da educação. No limiar do terceiro milênio a educação e a escola católica encontram-se perante novos desafios criados pelos contextos sociopolítico e cultural. Trata-se, especialmente da crise de valores que, sobretudo nas sociedades ricas e desenvolvidas, assume muitas vezes as formas de subjetivismo difuso, de relativismo moral e de niilismo, exaltados pelos meios de comunicação social. O profundo pluralismo, que invade a consciência social, dá origem a comportamentos diferentes, às vezes de tal maneira antitéticos que acabam por destruir qualquer identidade comunitária (MOURA, 2000).

As rápidas mudanças estruturais, as profundas inovações técnicas e a globalização da economia incidem cada vez mais sobre a vida do homem em todas as partes do mundo. Contrariamente à perspectiva de um desenvolvimento para todos, assiste-se ao crescimento acentuado da diferença entre os povos ricos e os povos pobres e as enormes ondas migratórias dos países subdesenvolvidos para os desenvolvidos.

O fenômeno de uma sociedade multicultural que se torna cada vez mais multirracial, multiétnica e multirreligiosa, traz consigo não só enriquecimento, mas também novos problemas. A isto, se junta, nos países de antiga evangelização, uma marginalização crescente da fé cristã como ponto de referência e luz na interpretação efetiva e convicta da existência.

Atualmente, é consideravelmente maior o número de alunos das escolas públicas em comparação com os das escolas particulares, em cujo setor o número de alunos de escolas católicas vai diminuindo progressivamente.

Com isto, a Igreja tem o dever de, em sua ação pastoral, empenhar-se para que a formação que recebem seja constantemente aperfeiçoada. Nesse sentido, ganha corpo a exigência de uma pastoral da educação nas dioceses e paróquias, que se empenhe na melhora das leis e posturas vigentes e de um trabalho com os professores católicos, sobretudo no que concerne ao ensino religioso. Cabe à Igreja, numa ação conjunta tanto de elementos da Pastoral da educação como da Pastoral dos meios de comunicação, não só

atuar para que haja uma legislação que coíba abusos e estimule as iniciativas construtivas, como também formar equipes integradas de educadores e formadores, capacitar agentes, dar apoio aos comunicadores que tentam colocar a comunicação a serviço da educação, formar grupos de jovens ou adultos para discussão dos programas de televisão em paróquias, grupos e escolas.

Todos partem do princípio de que a Igreja propugna pela educação integral do ser humano, não se limitando à formação intelectual. Educação que contemple as dimensões biológica, psicológica, social e transcendental do ser humano, uma educação que leve a pessoa a assumir valores em sua conduta (MOURA, 2000).

O aspecto da formação para a cidadania foi abordado em várias manifestações recebidas. É algo que cumpre ser feito na educação escolar, mas também é uma atividade que pode e deve ser exercida em benefício daqueles que não frequentam uma escola.

A complexidade do mundo contemporâneo convence o ser humano de quanto seja necessário voltar a dar importância à consciência da identidade eclesial, da escola católica. Da identidade católica emergem, com efeito, as características da originalidade da escola que se estrutura como uma realidade eclesial lugar de autêntica e específica ação pastoral. Ela partilha a missão evangelizadora da Igreja e é o lugar privilegiado no qual se realiza a educação cristã.

4 | OS JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO

Não foi por acaso que os jesuítas assumiram o encargo e o apostolado da educação. Como se haviam colocado inteiramente a serviço da Igreja, compreenderam facilmente que seria através da educação, especialmente de lideranças, que poderiam ajudar a Igreja a reconquistar gradualmente grande parte dos países e nações que haviam aderido ou estavam aderindo às novas doutrinas. Segundo Schmitz (1994) na época ainda não existiam muitas escolas católicas organizadas, com exceção de algumas iniciativas mais ou menos isoladas, mas que pouco representavam no conjunto da educação da época. Assumindo um sistema de ensino e educação sistemática, os jesuítas poderiam organizar-se melhor e atingir mais profunda e mais facilmente os diversos países e nações.

Realmente, os jesuítas supriram uma falta na Igreja, que era de educação católica, pois as novas doutrinas se infiltravam facilmente, devido em parte à inexistência de um sistema escolar católico. Organizando uma influência católica sistemática, não impediam totalmente a divulgação das novas doutrinas, mas ao menos esclareciam os cristãos e ofereciam uma doutrina mais segura e mais aprofundada.

O método nas escolas jesuítas é, pois, um método de procura incessante da verdade, de muitas maneiras, e não apenas de um modo. Acrescenta-se a isso ainda o estudo particular, as revisões e a elaboração de trabalhos sobre o estudado e aprendido, que eram continuamente exigidos. Para a Associação dos Colégios Jesuítas (1998)

um colégio de jesuítas estabelece programas de estudos de recuperação, paralelos ao período letivo, para os alunos com dificuldades de aprendizagem, de modo a evitar, quanto possível, sua reprovão, pois seria uma incoerênci com a atenção pessoal e a educação personalizada.

Entregar toda a decisão sobre a forma de realizar os estudos e os métodos a serem seguidos, aos estudantes certamente não levará muito longe em termos de aprendizagem séria e profunda, pois eles escolherão, com facilidade, aqueles que lhes causarem menores dificuldades e forem mais fáceis, mas que talvez não sejam os mais adequados para as aprendizagens pretendidas.

É preciso que haja ao menos alguma proposta de método, deixando a realização da aprendizagem por conta do aluno, mas dando-lhe aconselhamento e acompanhamento contínuos e próximos. Do contrário não se poderá contar com grande aprendizagem. O individualismo absoluto, isto é, a decisão exclusiva por aquele que aprende, não poderá dar bons resultados de aprendizagem, e muito menos o preparará para viver socialmente. Daí, a importância de se estudar mais a fundo o método jesuítico que era, no fundo, um método socializado, mas com determinadas regras, e não anárquico.

Sem dúvida, nos dias de hoje não se poderá mais proceder como se fazia há quatrocentos anos. Mas, é preciso adaptar-se aos tempos atuais sem, contudo, perder o essencial, o espírito que inspirava a educação jesuítica naqueles tempos, mas que ainda hoje é importante e deve guiar a atuação dos jesuítas de hoje. Talvez a maior mudança esteja precisamente na alteração e mesmo abandono de certos valores, considerados perenes e indispensáveis, e que precisam ser resgatados.

Não se pode dizer que, para os alunos, houvesse muito tempo de sobra, após todos os trabalhos e estudos que tinham de realizar. Na realidade, eles estavam sempre bem ocupados, não tendo tempo para divagações, ou ociosidade. A escola era um lugar aonde iam para estudar e aprender, e não para passar o tempo. É necessário que o educador esteja atento para estes fenômenos sociais, para que possa apresentar uma educação de acordo com as necessidades e aspirações das pessoas de seu tempo.

De acordo com as afirmações de Schmitz (1994), a aprendizagem realiza-se de muitas maneiras e através de variadas atividades, tanto escolares, como extraescolares. Não se pode reduzir apenas ao que se realiza na sala de aula, pois isto seria muito pouco. Aliás, na educação jesuítica, grande parte das atividades de aprendizagem eram realizadas fora da sala de aula, de variadas maneiras.

Não há dúvida de que, se o jesuítico seguir rigorosamente o caminho traçado para a sua formação, com muito bom senso e a devida adaptação aos tempos, lugares e pessoas, ele poderá tornar-se um excelente elemento para a sociedade, tanto no campo da pesquisa, da educação, como também em outras atividades que assumir. Sem este intensivo treinamento, em nenhum campo de atividade se pode ser competente. Isso vale dos alunos dos jesuítas, se levarem a sério a formação oferecida. A improvisação, em

lugar nenhum e em circunstância alguma, é boa política. Somente o estudo, o esforço, a concentração e a aplicação das melhores e mais apropriadas técnicas habilitam alguém a ter influência positiva na sociedade.

Quem trabalha com educação, sabe que não basta colocar objetivos muito gerais, tais como os objetivos da vida. É preciso pô-los em prática, e coisas gerais não se tornam operacionais e, portanto, não podem ser executadas com facilidade. A criatividade e a auto expressão apenas se manifestam a realidade do trabalho das pessoas, em que se empenham de todo jeito, de corpo e alma, para criar algo próprio, mesmo que seja a partir de algo já existente, ou comunicado. Não se pode imaginar criatividade apenas como expressão de algo espontâneo, sem trabalho e sem esforço. O que aparentemente fluí da pessoa, é, em verdade, produto de grande esforço mental ou mesmo físico. E, com isso, exige a prática de grande disciplina mental e corporal. Desenvolver esta criatividade, em todos os domínios humanos, ajudará no desenvolvimento de uma personalidade bem formada.

Como bom diretor de aprendizagem, o mestre precisa possuir grande penetração psicológica, para tratar os alunos de maneira adequada à sua psicologia e às suas características próprias. O que deveria distinguir o professor jesuíta era o amor aos alunos. O professor jesuíta, além de profissional, deve ser um homem com um ideal de perfeição e santidade, que o levará a empregar todos os meios para ele mesmo se santificar e contribuir para a santificação dos seus alunos. Vê-se, pois, que não é qualquer pessoa que pode ser professor jesuíta, mas apenas pessoas com grande espírito de generosidade e dedicação ao ideal da perfeição humana e divina. Por isto, o professor é preparado por longos estudos e exercícios diversificados que lhe abrem caminho para a sua vocação de educador.

A profissão e vocação do professor não é nada brilhante externamente, exigindo mesmo sacrifícios e renúncia a toda hora. Mas o principal atributo do professor é o amor, identificando-se com seus alunos. Quanto à situação do estudante na escola jesuíta, há opiniões divergentes e contraditórias. Uns afirmam que ele é o centro da experiência educacional, ao passo que outros asseveram ser ele objeto de governo e de dominação. Tudo depende do enfoque que se dê à educação e da compreensão que se tenha da época e dos objetivos pretendidos com a educação.

5 | A IGREJA

Para Keller (2002) o conhecimento da história da Igreja é fundamental para a construção de uma compreensão atualizada da missão cristã no mundo atual. A doutrina social da Igreja discorre a partir da razão e do direito natural, isto é, a partir daquilo que é conforme a natureza de todo o ser humano. E sabe que não é tarefa da Igreja fazê-la própria valer politicamente essa doutrina: quer servir à formação da consciência na política e ajudar a crescer a percepção das verdadeiras exigências da justiça e, simultaneamente, a

disponibilidade para agir com base nelas, ainda que tal colidisse com situações de interesse pessoal. Destarte, a Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível. Não pode nem deve pôr-se no lugar do Estado. Mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Deve inserir-se nela pela via de argumentação racional e deve despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias também, não poderá afirmar-se nem prosperar.

A sociedade justa não pode ser obra da Igreja; deve ser realizada pela política. Mas toca à Igreja, e profundamente, o empenhar-se pela justiça trabalhando para a abertura da inteligência e da vontade às exigências do bem.

Entretanto, o dever imediato de trabalhar por uma ordem justa na sociedade é próprio dos fiéis leigos. Estes, como cidadãos do Estado, são chamados a participar pessoalmente na vida pública. Não podem, pois, abdicar da múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o bem comum. Por conseguinte, é missão dos fiéis leigos configurar corretamente a vida social, respeitando a sua legítima autonomia e cooperando, segundo a respectiva competência e sob própria responsabilidade, com os outros cidadãos. A Igreja é uma realidade social visível. Possui um aspecto institucional que a compõe. Desde os primeiros anos de sua história, a cristandade sempre teve uma estrutura visível: nomeou chefes, prescreveu formas de culto e aprovou fórmulas de fé. Vista a partir desses elementos, a Igreja Católica é uma sociedade visível. Mas, porque é também um mistério, a Igreja é diferente de qualquer outro grupo organizado.

A Igreja nunca poderá ser dispensada da prática da caridade como atividade organizada dos crentes, como, aliás, nunca haverá uma situação em que não seja preciso a caridade de cada um dos indivíduos cristãos, porque o homem, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor.

6 I ESCOLA CRISTÃ

Com a criação de uma série de colégios, desde cedo, viu-se a necessidade de dar-lhes algumas normas que servissem mais ou menos para todos eles, para orientá-los nas suas atividades. Estas normas, porém, eram feitas para colégios particulares, embora pudesse ser aplicadas também a outros que assim o quisessem. As normas espirituais são perfeitamente adaptadas à época, em que a comunhão frequente não era costume, nem era permitida. Por outro lado, insiste-se muito numa vida espiritual intensa, com diferentes práticas religiosas (SCHMITZ, 1994).

Ademais das diretrizes para a vida espiritual, também se oferecem algumas normas claras para a vida comum: os alunos devem dormir sozinhos, em quartos separados, não entrar nos quartos de outros, sem licença, não andar sozinhos pela rua, ter roupas próprias

exclusivas. Na doença, devem seguir o conselho dos médicos, ter hora certa para deitar e levantar, não receber visitas em casa, a não ser de gente da Companhia, ou pessoas ligadas intimamente. Quanto ao resto, cabe ao superior, tirar e pôr o que julgar necessário.

São explicitadas algumas atividades mais importantes e de maior projeção, exercidas pelos jesuítas. E, significativamente, são colocadas em primeiro lugar as atividades do ensino, seja no nível de formação do clero, como a filosofia e a teologia, seja nas outras escolas, que também são consideradas importantes. Mesmo nestas escolas se exige alto nível de conhecimento e desempenho. Não se aceita qualquer professor, mas que seja competente e bem formado, para exercer influência significativa. Também se espera que exerçam um apostolado de cultura de alto nível, para poder competir com os ateus e outros que atacam a Igreja.

É julgado importante que os estudantes sejam acompanhados por algum entendido e, especialmente, que tenham assistência, tanto espiritual como educacional. Não é conveniente que os estudantes sejam abandonados a si mesmos, pois são religiosos e, no perder o rumo, desviando-se da finalidade para a qual a Companhia os destinou. São, antes de qualquer coisa, religiosos, embora se dediquem a uma ciência profana.

O cargo de ensinar nas escolas médias não está ligado a certas pessoas, mas todos deveriam estar dispostos a ensinar nelas. Esta prescrição hoje já não é exequível, pois, para se lecionar, exigem-se títulos e formação específica, e nem todos têm esta formação. O ensino tornou-se uma especialidade e bom fruto. Os professores têm de ser profissionais vocacionados, para exercerem a sua função com competência e bons resultados.

Ao se tratar de educação, não se podem separar as diversas virtudes, mas é preciso integrá-las apoiar-se mutuamente. E, tratando-se de educação formal, é também necessário que ela seja muito bem planejada, para não se dispensar e assim perder de sua eficiência e eficácia. Para isso, nada melhor do que uma adaptação perfeita a todas as circunstâncias que a envolvem.

À luz do magistério de Moura (2000), no que se refere à educação, a Igreja empenhou-se por desenvolver a rede católica de ensino, convicta de que a dimensão transcendental da vida é algo que não pode estar ausente na educação do ser humano e de que a escola é um dos agentes principais da educação integral.

A Igreja sempre lutou contra a posição assumida na Constituição, que estabeleceu a laicidade do ensino nas escolas públicas. Uma das razões pelas quais assim procedia era a da proibição do ensino religioso nas escolas públicas, nas quais estava um percentual muito elevado de alunos do curso primário, não tendo a Igreja condições de criar uma rede de escolas primárias gratuitas, já que lhe eram vedadas quaisquer subvenções por parte do Estado.

A escola cristã deve ser o lugar de construção do conhecimento, através da interação entre os educadores e os educandos, na simbiose entre o velho e o novo, que não nega a importância da tecnologia, mas dela se utiliza no processo de permanente transformação.

Além disso, o ensino religioso deveria ser mais bem avaliado no modo de ser transmitido e no conteúdo dos cursos, evitando-se a diluição ou mesmo o esvaziamento de sua função catequética. (VAZ, 1983).

Assim, a área de formação cristã requer uma estrutura adequada: o colégio assegura às pessoas carga horária específica destinada a planejar, realizar e avaliar as atividades; funcional: estabelece uma divisão do trabalho considerando as necessidades de tempo e espaço dos profissionais para a realização dos distintos planos; especializada: o colégio possui pessoas com formação específica na área teológica e pastoral; coordenada: as atividades específicas da área de formação cristã devem coordenar-se entre si e com as atividades desenvolvidas por outras áreas da escola.

O processo de ensino e aprendizagem está embasado nos princípios de respeito à singularidade e aos ritmos de cada pessoa, de liberdade e responsabilidade, atividade e criatividade, socialização e solidariedade.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com suas notáveis conquistas científicas e tecnológicas, com a rápida divulgação das notícias as mais variadas, com o fracasso quase generalizado das escolas em formar cidadãos aptos a participar responsavelmente deste mundo conturbado, com o retraimento das religiões históricas em afirmar com maior nitidez e vigor as suas certezas, os cidadãos dos diversos países sentem-se como que desamparados, desnorteados, nos seus momentos de dúvidas ou de opção. É importante considerar como necessidade primordial à educação o desenvolvimento natural, segundo o impulso vital do educando num clima de inteira liberdade dentro de um ambiente apropriado onde é atendido conforme suas tendências individuais.

Como fenômeno psicológico de integração da personalidade, a normalização decorre da concentração sobre uma atividade, pelo esforço pessoal, num processo de desenvolvimento. Por isso, nunca poderia ser imposta, nem mesmo ensinada, pois é impossível ensinar-se se desenvolver, antes, o educando mesmo deverá fazê-lo por decisão pessoal, tendo o educador como guia seguro. Destarte, a influência de Lubienska na educação brasileira deve ser avaliada tendo como ponto de referência os demais métodos experimentais empregados no Brasil e não, propriamente, em relação à rede de ensino regular. Esta, via de regra, tem sido impermeável aos ensaios de renovação efetuados no seio das escolas experimentais. O método educacional de Lubienska é bastante significativo no Brasil, seja pelo número de escolas, alunos, professores especializados, seja pelos resultados obtidos e continuidade da experiência.

Resta esclarecer que o pensamento educacional de Lubienska e sua metodologia enquadram-se na situação comum a todas as escolas experimentais que surgiram no Brasil. Estas não partiram do problema real da educação brasileira. Em consequência,

reveste-se de um caráter postiço, impondo-se de fora para dentro, sem conseguir atingir a problemática da educação no Brasil. Este é, sem dúvida, um dentre os vários fatores que explicam a referida impermeabilidade da rede de ensino regular às tentativas de renovação pedagógicas, levadas a efeito pelas escolas experimentais.

Deste modo, pode-se dizer que é no meio ambiente cultural, que condiciona a vida das escolas e Universidades, que a Igreja tem que atuar. Não há como fugir da realidade que os cerca, tentando criar modelos irrealistas de comportamentos e expectativas. Para tanto, seus membros, religiosos e leigos, precisam ter coragem e condições intelectuais adequadas para o enfrentamento não só das indagações contundentes do dia-a-dia, como também oferecer, ao mesmo tempo, formação de excelente nível científico e humanístico, para todos os seus alunos. A situação do Brasil, com seu crescimento demográfico e econômico e seus graves problemas político-sociais mostra a importância do problema educacional como uma urgência de primeira ordem, quer em termos da educação formal escolar, quer da educação do povo em processos não-formais.

É importante que a Igreja no Brasil, no campo da educação, procure acentuar sua presença evangelizadora não só por meio do influxo sobre a família e sobre as próprias escolas e instituições de caráter educacional, mas também por meio do exercício do seu direito e dever de contribuir para a solução dos problemas, bem como para a promoção e melhoria da escola pública.

O papel da Igreja na educação foi historicamente importante e ainda encontra receptividade e prestígio apesar da pouca ênfase que lhe tem sido dada nos últimos anos. As maneiras como o homem interpreta as pessoas e objetos, forças físicas e abstratas, dependem da sociedade e da cultura na qual está envolvido. Essa imersão total na cultura constitui um aspecto decisivo na vida de cada ser humano, definindo o campo no qual suas habilidades e diversas inteligências serão desenvolvidas em sincronismo e interação.

Por conseguinte, nenhuma pessoa pode ser abandonada a si mesma, nem mesmo os leigos, e muito menos os religiosos. É necessário que tenham o apoio da sua família e, como a família do religioso é a Ordem, é evidente que ela deve manter que se dedicam aos estudos. Facilmente se esquece que qualquer pessoa necessita de sua família, para viver uma vida mais tranquila e segura. O religioso não é nenhuma exceção neste sentido. Daí a necessidade de um acompanhamento de perto, por algum membro prudente e espiritual, da comunidade religiosa.

É necessário que as escolas sejam realmente sérias, oferecendo tanto disciplinas significativas, como métodos convenientes. Naturalmente, é necessário fazer as devidas adaptações, tanto em relação às disciplinas, quanto aos métodos.

Realmente, sem educação moral, a própria educação intelectual perde muito de seu sentido, e até pode tornar-se perigosa, pois oferece ao homem poderosos instrumentos de ação. Se esta ação não tiver princípios e critérios morais a inspirá-la, não apenas no sentido estrito do bem e do mal, mas no sentido da responsabilidade pessoal e social e do uso

adequado da liberdade, ela pode tornar-se perigosa, fornecendo poderosos instrumentos de destruição a pessoas irresponsáveis.

O homem não é um ser simples, mas bastante complexo, com múltiplos aspectos que precisam ser considerados quando se trata de fazê-lo agir em qualquer coisa. Os seus diversos aspectos são interdependentes e como tais são envolvidos em qualquer ação. Posto que no momento em que ele estiver realizando uma atividade intelectual, também os aspectos afetivos e psicomotores, bem como outros, são envolvidos.

A pedagogia é o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento e desenvolvimento dos seus alunos. A pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida à mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar.

Os jovens devem sentir-se livres para seguir o caminho que lhes permita crescer e desenvolverem-se como seres humanos. Não obstante, o mundo tende a considerar o objetivo da educação em termos excessivamente utilitários. A educação na fé e pela justiça começa pelo respeito à liberdade, ao direito e à capacidade dos indivíduos e grupos humanos de criarem para si mesmos uma vida diferente.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS COLÉGIOS JESUÍTAS. **Projeto educativo da província do Brasil centro-leste da companhia de Jesus.** São Paulo: Loyola, 1998.

AVELAR, Gersolina Antonia. **Renovação educacional católica:** Lubienska e sua influência no Brasil. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

COMIN, Odair José. **Aprendendo na velocidade do pensamento.** São Paulo: Madras, 2001.

KELLER, Eugenio Dirceu. **A igreja:** das origens ao Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil.** São Paulo: Loyola, 2000.

SCHMITZ, Egídio. **Os jesuítas e a educação:** a filosofia educacional da Companhia de Jesus. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

VAZ, José Carlos de Lima. **A universidade católica no Brasil:** pesquisa sobre a identidade, a situação atual e as perspectivas da universidade católica no Brasil. São Paulo: Loyola, 1983.

CAPÍTULO 4

SERTÃO! ATÉ QUANDO? COMBATENDO O EFEITO MEDUSA

Data de aceite: 12/12/2022

Ednaldo Emílio Ferraz

Mestre em Ciências- UFRN
Faculdade de Integração do Sertão (FIS)

RESUMO: O presente texto busca inicialmente centralizar discursivamente o termo Sertão, verificar sua significação histórica e hodierna, suas descontinuidade e continuidades, buscando nas fontes mais populares, como a internet (por meio do Google) e dicionários (físico e digital). De quê forma o Sertão é divulgado e apreendido por quem vai buscar informações sobre o Sertão? Após descortinar os riscos, superficialidade e anacronia dessas fontes sobre a semântica do termo Sertão e de como esta região é apresentada pelos textos e imagens em sites. Em seguida buscou-se apresentar as transformações do Sertão do Pajeú, enquanto espaço geográfico urbano, mas também as de cunho sociais, tornando o território gradativamente luminoso, reflexo do avanço técnico-científico-informacional em setores diversos da economia, principalmente nos municípios de maior dinâmica de fluxos (capitais, mercadorias, pessoas...), tomando por base os dados médios do IBGE dos últimos censos (2000 e

2010). Verifica-se avanços, contudo, velhas mazelas ainda persistem, no entanto, o presente trabalho objetivou demonstrar um outro Sertão pouco evidenciado, um novo Sertão. O principal objetivo deste texto é desfazer gradativamente o efeito medusa que o Sertão encontra-se submetido a séculos, iniciando pelo Sertão do Pajeú.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão, Efeito Medusa, Sertão do Pajeú, Transformações.

ABSTRACT: The present text initially seeks to discursively centralize the term Sertão, verify its historical and modern significance, its discontinuity and continuities, searching in the most popular sources, such as the internet (through Google) and dictionaries (physical and digital). How is the Sertão disclosed and apprehended by those who seek information about the Sertão? After revealing the risks, superficiality and anachronism of these sources on the semantics of the term Sertão and how this region is presented by texts and images on websites. Next, we sought to present the transformations of the Sertão do Pajeú, as an urban geographic space, but also those of a social nature, making the territory gradually luminous, a reflection of the technical-scientific-informational advance

in different sectors of the economy, especially in the cities of greater dynamics of flows (capital, goods, people...), based on the average IBGE data from the last censuses (2000 and 2010). There are advances, however, old ills still persist, however, the present work aimed to demonstrate another Sertão little evidenced, a new Sertão. The main objective of this text is to gradually undo the medusa effect that the Sertão has been subjected to for centuries, starting with the Sertão do Pajeú.

KEYWORDS: Sertão. Medusa effect. Sertão do Pajeú. Transformations.

1 | INTRODUÇÃO

O Sertão de escritores e de cientistas sociais como, Caio Prado Júnior (História Econômica do Brasil), Câmara Cascudo (Viajando o Sertão) Josué de Castro (Geografia da Fome), Manuel Correia de Andrade (Terra e o Homem no Nordeste), Celso Furtado (Formação Econômica do Brasil) e de tantos outros ainda existe?

Um Sertão quase sempre do distante ermo de natureza dominada pela sequidão e pelas cactáceas, onde, o homem tinha apenas três alternativas: sobreviver, se adaptando a natureza, morrer de fome nas grandes estiagens ou abandonar o lugar. Esta pergunta norteadora embora de denotação simples, pois, décadas e até séculos já se passaram desde que alguns daqueles pensadores evidenciaram o Sertão para o resto do Brasil, pois, tudo é dinâmico na cultura material e imaterial, mas a percepção do Sertão permanece estático, imutável, para o resto do Brasil e até para as demais sub-regiões nordestinas.

Uma imagem desoladora (exclusiva) impregnada nas mentes dos brasileiros e nordestinos de um Sertão que perdura “cegando” inclusive o sertanejo que aceita e acredita em tais interpretações.

Ao realizar uma simples busca na internet escrevendo a palavra *Sertão* no Google (site de busca mais popular) e clicar em imagens, não estranhe se forem apenas imagens relacionadas a seca, a caatinga sem folhagem, as perdas agropecuárias, de famílias numerosas em frente suas casas simples de barro.

Pergunta-se se só existe esse Sertão? Só há secas? Só há fome? Só há abandono do lugar? Só há panelas vazias? Pois, essa é a imagem que em pleno século XXI se tem do Sertão fora do Sertão. Contribuindo com o perpétuo preconceito regional dentro do território nacional.

O Sertão enquanto “unidade regional” do Nordeste, pois tem-se ainda o Agreste, Zona da Mata e Meio Norte, numa perspectiva de totalidade dentro do território, foi quase sempre percebido como um espaço geográfico caracterizado pelo atraso e pelo isolamento, onde, prevalece a rudeza, o analfabetismo, a aspereza, a fome, a pobreza, a valentia, a violência, o coronelismo, a força, o analfabetismo, a resiliência... Rotulação e estigmatização acompanharam (e acompanham) a história interpretativa dessa sub-região do nordeste, todas essas mazelas e outras como resultado das condições naturais, como um determinismo geográfico inevitável. Livros didáticos, telejornais, impressos, livros literários,

música e a pintura, reproduzem o “**velho sertão**” como hegemônico regionalmente.

Pode-se mencionar que pesquisas científicas realizadas pelos programas de graduação e pós-graduação estão desvendando gradativamente esse outro Sertão, principalmente em universidades do Nordeste, como, a UFCG, UFRPE (Serra Talhada), UFRN, UNIVASF dentre outras que desenvolvem pesquisas sobre a pluriatividade, segurança alimentar e novas práticas rurais em propriedades familiares no Sertão (Cimone Rozendo, Fernando Bastos, Ramonildes Alves Gomes, Maria Odete Alves, Shana Sampaio dentre muitos outros pesquisadores) caminhando no sentido de desconstruir essa percepção do atraso sertanejo. No entanto, ainda restrito a um público de pesquisadores interessados pelas temáticas e com alcance que não atinge os populares através das mídias. Contudo, um excelente começo.

Este trabalho se justifica por uma trajetória de vida de observação-reflexão, primeiro de um menino que corria pelas ruas da cidade de Serra Talhada-PE sem calçamento, com esgotos a céu aberto, que andava nas casas de taipa de colegas após as brincadeiras no início dos anos de 1990, de um jovem que embora não tenha passado fome, mas que escutava rotineiramente colegas que iam para a escola pública apenas pelo lanche e a possibilidade de levar algo aos seus irmãos mais novos que ficara em casa, de um jovem que chegou a presenciar saques durante a seca de 1993.

Nas férias percorria os espaços rurais do distrito de Nazaré do Pico (vila muito conhecida por sua História ter relação com Lampião) em fazendas (Várzea do Icó, Fazenda Ema, Pedra Ferrada, Jericó, Lagoa Cercada...) “cortadas” pelo riacho (Poço do Negro na época, atualmente Riacho da Ema) que divide os municípios de Serra Talhada-PE e Floresta do Navio-PE, onde, praticamente os meios de transportes eram cavalos, burros, jumentos e bicicletas (motocicleta eram para grandes fazendeiros) e o carro (caminhão) era quase exclusivamente (coletivo) destinado aos sitiantes mediante pagamento para se deslocarem para as cidades citadas em dias de feiras (Segunda e Sexta, Serra Talhada e Floresta, respectivamente), que durante as estiagens (principalmente a de 1993) buscava água em carros de boi no único poço (cacimba) que ainda resistia com água a quilômetros de distância (um pouco mais de 6 km) e que cortava mandacarus e xique-xique e jogava aos animais famintos, logo após queimar os espinhos em fogueira com temperaturas escaldantes.

Chegando a fase da adolescência (estudante de ensino fundamental em Nazaré do Pico e de ensino médio em Floresta do Navio-PE) morando no espaço rural, viu chegar: O transporte para os estudantes do sítio, do qual o presente autor da pesquisa foi beneficiado, as cisternas, que o autor ajudou a cavar o local onde se assentaria o reservatório ao lado da residência, a Operação Carro-Pipa iniciar e encher as cisternas com água do Rio São Francisco e nos períodos de chuva com instalações para tal fim, antenas parabólicas, melhorando o sinal e facilitando o acesso aos canais educativos, agropecuários, de leilões, religiosos, enfim ampliou-se a possibilidade de obter informações. As motocicletas

começaram a se tornar o meio mais utilizado, as casas de taipa gradativamente foram substituídas pelas de alvenaria, a lista continua.

Chegando a fase adulta vivendo na cidade, trabalhando, fazendo faculdade e posteriormente na docência a partir de 2004-5 (até hoje), viu-se na cidade de Serra Talhada: A chegada de diversas instituições de ensino superior, cursinhos pré-vestibulares e cursos técnicos, pois, havia apenas a FAFOPST (Faculdade de Formação de professores de Serra Talhada), ampliando significativamente o leque de cursos para os jovens da região, como: Psicologia, Direito, Medicina, Engenharia, Administração, Contabilidade, Engenharia de Pesca, Economia, só para citar alguns. Grandes empresas do setor comercial investindo na região, assim como a pulverização de micro, pequenas e médias empresas (familiares em grande medida), adutora do Pajeú, trazendo água do São Francisco abastecendo a microrregião, expansão de bairros de classe média a partir de crédito em bancos estatais, bairros populares a partir do projeto Minha Casa, Minha Vida, retirando milhares de famílias do aluguel e consequentemente valorizando as mulheres de baixa renda, a Ferrovia transnordestina que corta a microrregião na altura de Serra Talhada.

No meio rural viu-se chegar a internet, conectando os agricultores familiares, as redes sociais e ao mundo instantaneamente, se globalizaram? As diversas políticas públicas de assistência social (Bolsa Família, seguro Safra, Chapéu de Palha, Salário Maternidade) e as aposentadorias melhoraram significativamente a qualidade de vida dos “pajeusenses” do campo, assim como a expansão dos assentamentos rurais, dando acesso a terra aos que antes labutavam apenas em propriedades alheias.

Contudo, muito do que fora exposto sobre as mudanças, não abarcam a metade das metamorfoses reais que o Sertão do Pajeú experimentou nas últimas três, quatro décadas, mudando o retrato social e paisagístico.

Sendo este trabalho uma tentativa de um “sertanejo inquieto” que não aceita mais tais interpretações exclusivas e únicas (do velho Sertão) de uma região que tem apresentado significativas transformações socioeconômicas e espaciais nas últimas décadas e que pouco ou pouquíssimo é evidenciado pelas diversas mídias.

O presente trabalho tomou como lócus investigativo de tais metamorfoses contemporâneas a microrregião do Pajeú, composta por 17 municípios e com uma população correspondente a 19,97% do Sertão. Buscar-se-á compreender como os sertanejos e não-sertanejos percebem a região? Quais transformações estão impactando a microrregião do Pajeú? E de que forma os significados da palavra Sertão “impede” a clareza dos sentidos ou cria um mito de imutabilidade e estaticidade para o espaço geográfico sertanejo e para o tecido social que a ocupa?

21 UM VELHO SERTÃO PERSISTENTE E UM NOVO SERTÃO (DES) CONHECIDO

Inicialmente se fará uma breve análise semântica do significado da palavra Sertão e suas incoerências analíticas aplicáveis a uma complexidade espacial contemporânea. Em seguida, propõe-se uma breve busca na internet sobre o Sertão, na sua forma textual e imagens, quê Sertão a pesquisa obterá?

Pergunta-se, só existe um Sertão nordestino? O Sertão nordestino (a partir da microrregião do Pajeú) pode ser denominado como Sertão? Esse termo contribui para o entendimento regional e sua complexidade? A que serve o uso do termo na contemporaneidade?

2.1 O que é Sertão? Nos dicionários e na internet? Quais imagens veiculadas na internet?

O termo Sertão quanto a sua origem há pesquisadores que indicam para o termo *Muceltão* de origem angolana (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2019), que fora abreviado para *celtão* e *certão* (*A posteriori* Sertão) que significa, “lugar interior, local distante do mar” (p. 21), ou ainda, *locus mediterraneus* (FILHO, 2011). Para outros teria o vocábulo sertão origem na língua latina com o vocábulo *desertus*, de interior, coração das terras (FILHO, 2011). Já Gustavo Barroso (1947) sugere que a palavra Sertão derivou de *desertão*, como os portugueses se referiam às regiões despovoadas da África equatorial.

O uso do termo Sertão referindo-se a uma paisagem (natural e social) na literatura faz referência a espaços distantes do litoral e antecede qualquer regionalização de cunho político-administrativo. No entanto, Sertão tornou discursivamente a antítese (LIMA, 2016) do litoral civilizado, do espaço que mantém práticas comerciais, do espaço em que os contatos culturais são mais efetivos, do espaço que o Estado se faz presente, o Sertão é o exato oposto.

No dicionário Aurélio digital (2021) tem as seguintes significações “1 Lugar *agreste* afastado dos pontos cultivados. 2 Floresta longe da costa. 3 [Por Extensão] O interior do país. 4 [Brasil: Nordeste] Zona do interior mais seca que a caatinga”. Os significados no dicionário Aurélio (o mais popular do país) para o Sertão associa-se apenas a origem da palavra e ao Sertão brasileiro dos primeiros séculos, sendo, o Sertão contemporâneo é apenas associado a seca e a Caatinga. A luz da ciência geográfica estão associadas à palavra Sertão incoerências, como no item 1 onde ler-se “[...] afastado dos pontos cultivados”, certamente tal significado tem laços ao período colonial quando os pecuaristas foram obrigados a se distanciarem das lavouras de cana-de-açúcar no litoral, como se não tivessem sido cultivadas lavouras para o consumo local no Sertão desde o início? Também deve-se observar a uma incoerência geográfica no item 4. de explicação dos aspectos físicos, pois, o Sertão em predominância é abrangida pela Caatinga, bioma adaptado ao clima semiárido, induzindo o leitor a relacionar a um clima mais seco que o semiárido?

Pois, mais seco que o clima da Caatinga apenas o árido? Percebe-se claramente uma confusão entre o significado do termo e as condições naturais do Sertão.

Em outro dicionário on-line (Dicionário Priberam da Língua) outros aspectos apresentados ampliam a ideia de Sertão e já citadas no início deste tópico. Descreve o sertão enquanto paisagem da seguinte forma, “1. Lugar *agreste* e inculto, afastado de povoações.2. Floresta no interior de um continente, longe da costa.3. [Brasil] Região pouco povoada do interior do Brasil”. Aqui o distante do litoral, o pouco habitado e interior são destacados, embora, se referindo ao território nacional e não especificando o Nordeste.

No Dicionário Houaiss (2001, p. 712, grifo nosso) a descreve como, “1. região agreste, afastada do centro urbano e das terras cultivadas. 2. O interior do país. 3. região pouco povoada do interior do país, zona mais seca que a caatinga. 4. onde permanecem as tradições e costumes antigos”.

Nos significados apresentados pelo dicionário Houaiss também chama a atenção para os costumes e tradições, assim como Câmara Cascudo (1984), que permanecem imutáveis. Uma sentença semântica de prisão ao atraso aos nativos da região (ao menos no significado da palavra)?

Nos três dicionários o termo *agreste* aparece inicialmente para se referir a região (no último) e ao “lugar” e a “região”. No dicionário Priberam (2021) o vocábulo tem os seguintes significados: “Do campo; rústico e rude.2. Desagradável.3. Bravio, inculto. 4. Que não se adapta à domesticidade. 5. Áspero. 6. Camponês”.

O vocábulo *agreste* amplifica a negatividade do termo aplicado na contemporaneidade a um espaço regional? Principalmente se a esse espaço já lhe é atribuído historicamente o termo Sertão, promovendo preconceito regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Ao significado associa-se situações como: selvageria (que não se adapta), analfabetismo (inculto), violência (bravio), arcaico, grosso, sem modos (rude e rústico) e outros que embora não sejam negativos, mas que no entanto generalizam, como camponês, que associa exclusivamente ao rural e a agricultura de subsistência. No entanto, o termo desagradável (item 2) é de fato o termo desagradável ao se referir indiretamente e/ou diretamente a um espaço regional, onde, o apego, o enraizamento e o afeto não se fazem presentes na relação entre homens e o meio. Pesquisas demonstram o contrário (FERRAZ, 2012; 2021; SOUZA SOBRINHO; GOMES DE MORAES, 2016).

As palavras se tornam obsoletas com o tempo e seu uso não contribui de forma alguma para compreender um fenômeno, principalmente se esse fenômeno é dinâmico. Para Bacon o uso incorreto das palavras geram ídolos que são de todos os mais perturbadores (BACON, AF: LIX), pois invadem o intelecto através das palavras distorcendo a realidade (PEREIRA, 2012).

Para Bacon, a linguagem, que deve ser governada e utilizada pelo homem, se converte em uma fecunda criadora de “ídolos”. As palavras chegam a adquirir uma importância exagerada. E as mais importantes discussões

degeneram, frequentemente, em disputas verbais. A linguagem engendra o erro, inventando nomes para coisas que não existem ou aplicando nomes ambíguos ou indeterminados às coisas existentes. (G. FRANCOVICH, 1938, p. 11, grifo nosso)

Pesquisar sobre a região Sertão iniciando pelos seus significados nos dicionários não ajuda nem um pouco a entender o Sertão nordestino e muito menos o povo sertanejo (inculto, bravo, áspero, selvagem?) ou qualquer sertão como representação de espaços interiores do país, no entanto, a pesquisa centraliza suas indagações o Sertão que a partir do século XIX os discursos políticos e literários foi gradativamente capturado (raptado) pelo Nordeste e oficializado na regionalização do Nordeste em sub-regiões em 1969 e dentre elas o Sertão nordestino (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2019).

Poderia-se acreditar que os interiores do território brasileiro dos primeiros séculos de ocupação até recentemente nas primeiras décadas da segunda metade do século XX poderia existir um Sertão (literalmente) brasileiro e nordestino (como apontam o seu significado), no entanto, aquele Sertão pouco a pouco divide espaço com novas territorialidades, (agricultura irrigável, assentamentos rurais, com novas relações sociais, com novas práticas econômicas, com novas espacialidades). Um Sertão que nos atrevemos e chamaremos de Novo? A pesquisa buscará descrever esse Sertão.

Os homens que assim a denominou no passado longínquo estão perdoados, mas os homens contemporâneos não, se continuarem a aceitar um termo que inferioriza, generaliza e “petrifica” uma sub-região inteira.

2.2 O que o brasileiro encontra sobre o Sertão na internet nos sites de busca? Efeito Medusa

Para elaborar o presente tópico fez uma breve busca no *Google* identificando as palavras associadas ao termo Sertão. O objetivo é identificar como os não sertanejos terão uma primeira impressão sobre o Sertão por meio da internet que hoje é indiscutivelmente a principal fonte de pesquisas. Foram buscados principalmente os sites de conteúdo educativo, como: *infoescola*, *wikipedia*, *mundoeducacao.uol*, *todamateria* e *escola.britannica*, por serem estes os mais visitados pelos diversos usuários (estudantes, “professores”, turistas ou apenas pessoas que buscam informações). Os trechos introdutórios a seguir dos sites (grifos nossos) caracterizam o Sertão para quem busca informação, veja-se a seguir.

1. O sertão nordestino, também conhecido como sertão, é uma das quatro sub-regiões da Região Nordeste do Brasil, sendo a maior delas em área territorial. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino).

2. Sertão é o nome que se dá a uma região agreste, do interior do país, distante dos centros urbanos. E quem vive no sertão é chamado “sertanejo”. (<https://escola.britannica.com.br/artigo/sert%C3%A3o/487860>).

3. O Sertão Nordestino é uma região que comprehende a parte mais interior de praticamente todos os estados da região nordeste brasileira. Usualmente, a denominação de “sertão nordestino” é dada às regiões interioranas, onde

se concentram algumas das cidades com maiores índices de desigualdade social do país, além de baixíssimos indicadores de desenvolvimento sócio-econômico. (<https://www.infoescola.com/geografia/sertao-nordestino/>)

No início dos textos on-line percebe-se destaque dado a localização geográfica, ao clima semiárido, aos escassos recursos hídricos, as desigualdades sociais, a situação de interioridade. Enfim, características destacadas de um Sertão imutável. Sobre o sertanejo ou informações que remeta aos indivíduos nativos nos *sites* (grifos nosso) indicados o descreve principalmente pelo prisma da pobreza e das dificuldades, sendo.

1. Nesse cenário pouco amigável, o sertanejo vive de maneira austera. Caracterizado como homem de poucas palavras, vive em uma terra de mitos e de solidão. [Rhttps://escola.britannica.com.br/artigo/sert%C3%A3o/487860](https://escola.britannica.com.br/artigo/sert%C3%A3o/487860))
2. Porém, vale ressaltar que a região apresenta um dos maiores índices de desigualdades sociais e econômicas do Brasil. Problemas como a fome, má distribuição de renda, miséria e êxodo rural são recorrentes, sobretudo, nas cidades do interior do sertão. (<https://www.todamateria.com.br/sertao/>)
3. A criação de gado avançou pelo sertão e até hoje é uma das principais atividades da região e, embora incipiente se comparada às regiões centro-oeste e sul, caracteriza o modo ser do sertanejo nordestino. (<https://www.infoescola.com/geografia/sertao-nordestino/>)
4. Muito embora não seja divulgado na grande mídia, a região do sertão é farta no tocante à cultura da poesia popular. É imensa a quantidade de pessoas com habilidade na arte da rima e no improvisar de versos. Através desses repentista. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino).

O sertanejo ainda é visto dentro de uma temporalidade congelada ou petrificada (como se sertão e o sertanejo tivesse olhado para a medusa) como se este ator social fosse inatingível por qualquer mudança cultural, econômica, política e psicológica. Pois, este ator social é compreendido como miserável, faminto, analfabeto, retirante e de “poucas palavras”. Apenas no Wikipedia destaca o lado criativo e artístico do sertanejo. A situação piora quando se faz uma busca por imagens do Sertão. É de assustar a imutabilidade imagética dessa região.

2.3 Navegando em um mar de imagens petrificantes

Em buscas por imagens (o método de seleção das imagens para este texto foi pautado nas primeiras imagens encontradas no sites de busca do Google, tendo as palavras-chave (texto): Sertão nordestino, povo sertanejo e habitações sertanejas). Os “pesquisadores” (de internet) terão no Sertão nordestino um espaço de vazios demográficos, de paisagens secas dominadas por cactáceas e arbustos com galhos sem folhagem, de solos rachados e pedregosos. Quanto às habitações sertanejas apresentadas serão apenas imagens de casas de barro, como representação da pobreza vivenciada pelas famílias que as ocupam (na maioria). Na busca por povo sertanejo, encontra-se como destaque o homem do campo, de vestimentas simples e velhas, esguio, de pele enrugada e com indumentárias

regionais de vaqueiros. Veja-se a seguir as três primeiras imagens quando procuradas pelas palavras-chave.



Foto 1: Sertão nordestino



Foto 2: Povo sertanejo



Foto 3: Habitações no Sertão

Fonte: Google Imagens

Após “vislumbrar” tais imagens os “pesquisadores” reforçam imageticamente um “Sertão”, que embora exista, inclusive na microrregião destacada nesse estudo desmesticador, contudo, não é exclusivo e muito menos hegemônico espacialmente, economicamente e culturalmente. A busca realizada em outros sites de busca (Yahoo, Bing, Ask, DuckDuckGo,...) não são diferentes os resultados, mudam as primeiras imagens (e textos), mas o cenário desolador continua por minutos de rolagem.

O que tem escrito e imagens do Sertão na internet? E ainda na música, na pintura e no cinema é de qual Sertão? Acompanhou as transformações sofridas por esta região nas últimas décadas?

Precisa-se de “Perseus” para cortar a cabeça da Medusa e “despetrificar” o Sertão e o sertanejo dessa imagem única e exclusiva.

3 I SERTÃO DO PAJEÚ: 30 ANOS DE TRANSFORMAÇÕES

Pernambuco se divide 5 mesorregiões que se divide em 19 microrregiões, 2 mesorregiões sertanejas, a do São Francisco e o Sertão pernambucano, que se divide 6 microrregiões. O Sertão Pernambucano divide-se em 4 microrregiões (Araripe, Moxotó, Salgueiro e Pajeú).

A Microrregião do Pajeú é composta por 17 municípios. A microrregião “[...] é detentora de uma área territorial de aproximadamente 13.350,30 km², que corresponde a 14,04% do Sertão de Pernambuco” (VERSYPEP; *ET AL*, 2015, p. 19) e com uma população em 2010 de 314.603 e estimativa de 331.416 em 2018 (IBGE, 2010; 2018, *Apud* ETENE-BNB, 2019). Percebe-se que houve aumento demográfico no período. A seguir figura com os municípios da microrregião.

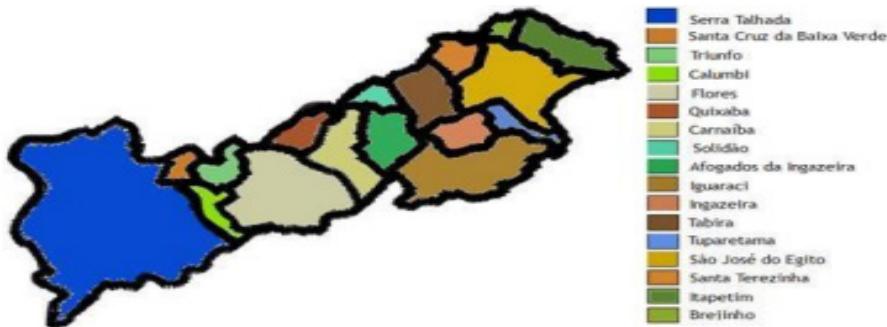


Figura 1: Municípios da microrregião Pajeú.

Fonte: Versyple e et al, 2015, p. 18.

A microrregião do Pajeú quanto a urbanização só recentemente o território tornou-se urbano (quando a população urbana ultrapassa a rural), pois, era de 46,3% em 1991, 55,8% em 2000 e 63,5% em 2010 (IBGE, 2010). Sendo Tuparetama o município que apresenta a maior taxa de população urbana com 80,1%, acompanhado por Afogados da Ingazeira com 78,1% e Serra Talhada com 77,3%. O município que apresenta a menor taxa é Solidão com 31,9 %, seguido por Quixaba com 37,0% e Calumbi com 38,6% (IBGE, 2010). Dos 17 municípios, 10 já tem população predominantemente urbana.

Dos 7 municípios rurais 4 estão em vias de se urbanizarem com médias acima de 40% da população vivendo nas cidades em 2010, acredita-se que o censo de 2022 traga um aumento de municípios urbanos na microrregião.

Quanto às taxas de analfabetismo verifica-se que vem ocorrendo ampla redução em todos os municípios da microrregião de 1991 a 2010. Em 1991 o analfabetismo variava em média de 44% da população e em 2010 caiu para 25% da população, queda de 19%. No entanto, bem acima da média nacional 9,6% e em Pernambuco de 18% (PNUD, 2013). O município com menor taxa de analfabetismo em 2010 era Triunfo com 17% seguido por Serra Talhada com 21% e o município que apresentava a maior taxa entre os municípios era Flores com 32,9% acompanhado por Calumbi com 32,6% da população.

Consequentemente ocorreu aumento da escolaridade média em todos os municípios (tempo médio de estudo) em todos os níveis de escolaridade (fundamental, ensino médio e superior) (IBGE, 2010). Quanto ao acesso à educação superior os municípios apresentaram média de 1,7% em 1991 e em 2010 subiu para 3,9% da população microrregional, um aumento de 2,2% (IBGE, 2010; PNUD, 2013; ETENE-BNB, 2019). O município que apresentou a maior taxa na população com ensino superior em 2010 foi Afogados da Ingazeira (6,4%) acompanhado por Triunfo (6,2%) e Serra Talhada (5,3%). E as menores taxas ocorreram nos municípios de Calumbi (2,2%) e Quixaba com 2,6% (IBID, 2019).

Em ampla relação com a escolaridade média tem-se a renda média e o grau de vulnerabilidade à pobreza. E na microrregião do Pajeú observa-se aumento da renda média

e redução da vulnerabilidade social a pobreza. Como pode ser observado no quadro a seguir.

Renda Média	1991= R\$ 67,00	2010= R\$ 116,00
Vulnerabilidade à pobreza	1991= 92%	2010=67%

Quadro 1- Renda média e média de vulnerabilidade à pobreza na microrregião do Pajeú

Fonte: IBGE, 2010 (organizado pelo autor)

Os dados médios apresentados no quadro 1, demonstram o aumento da renda em 49 reais e a redução da vulnerabilidade à pobreza em 25% da população, resultando no período em melhoria da qualidade de vida dos pajeusenses. Que novas espacialidades territoriais são resultantes dessas mudanças? Que novas relações sociais e culturais podem ser percebidas na atualidade? Em resumo, que mudanças materiais e imateriais passam a compor a microrregião do Pajeú? É o que propõe a atual pesquisa, compreendê-las.

3.4 Sertão (do Pajeú): da opacidade a luminosidade territorial

Tomando-se o Sertão do Pajeú como referência socioespacial no presente trabalho verifica-se que está microrregião encontra-se em trânsito da *opacidade* para a *luminosidade* geográfica. Para Etges e Carissimi (2014) “uma forma eficaz de interpretar o território e suas particularidades regionais consiste na análise da distribuição territorial dos instrumentos técnicos, científicos e informacionais de que se dispõe” (p. 2). Milton Santos e Maria Laura Silveira (2008) define nos seguintes termos a opacidade e a luminosidade dos territórios.

[...] aqueles territórios que acumulam densidades técnicas e informacionais e, portanto, se tornam mais aptos a atrair atividades econômicas, capitais, tecnologia e organização são denominados territórios luminosos. Os territórios em que estas características não estão presentes são chamados de territórios opacos (p. 264).

Empresas privadas de médio (eletrodomésticos, vestuários, móveis, segurança, educação, tecnologia...) e grande porte (distribuidoras de material de construção, de vidros, de alimentos...), empresas públicas (distribuição de energia, de água, espaços de ensino técnico, setor financeiro...), universidades, faculdades, centros médicos, telefonia móvel, bancos e financeiras, shopping, hotelaria, aeroporto, indústrias de setores diversos (cimento, alimentos, têmpera de vidros, móveis,...) espaços rurais irrigados e de produção comercial, chácaras, condomínios rurais, espaços rurais de produção de orgânicos voltadas ao comércio... concentram e dinamizam o *meio técnico-científico-informacional*, nas últimas 3 a 4 décadas em expansão no Sertão do Pajeú. Atraindo exponencialmente novos empreendimentos na região, em especial no maior polo da microrregião, Serra Talhada. Assim, afirmam Santos e Silveira (IBID), “os espaços luminosos, pela sua consistência

técnica e política, seriam os mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas” (p. 264).

A expansão desse meio-técnico-científico convive com espaços opacos (FERRAZ, 2011; 2022), que quase nada avançou (minifúndios e latifúndios improdutivos, com nenhuma ou reduzida produção) e se integrou ao sistema-mundo global, onde, a engenharia moderna pouco transformou. Contudo, esses espaços (do velho Sertão) há muito não são mais hegemônicos territorialmente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Miséria, isolamento, fome, abandono, seca e morte, palavras que historicamente caracterizam o Sertão nordestino (ampliando-se a todo o Nordeste tais características) na contemporaneidade deve-se revisar tal forma exclusiva de compreensão de uma região tão extensa e complexa. O texto se propõe partindo das transformações recentes na microrregião (parte da região intermediária de Serra Talhada conforme regionalização do IBGE de 2017) do Sertão do Pajeú, incentivar e ampliar para as demais regiões geográficas releituras por cientistas sociais, produtores culturais, jornalistas, e traçar um perfil complexo e dinâmico para um espaço que foi e é estigmatizado pelos brasileiros que pouco conhece a realidade hodierna do Sertão. Reafirma-se que o presente trabalho não tem interesse nenhum de afirmar que velhas mazelas foram extintas, não mesmo, objetiva na verdade evidenciar um outro Sertão, um novo Sertão, mutável, resiliente (e que progride) e que acima de tudo é incorporado às dinâmicas do capital globalizante com todas as positividades e principalmente as negatividades desse processo, construindo territórios luminosos e tornando outros opacos. Espaços técnicos-científicos-informacionais se ampliam determinando as dinâmicas urbanas (e até rurais, a exemplo do vale do São Francisco). Este trabalho que não se alinha a nenhuma leitura exclusiva de um ramo científico, mas, percebe que todas as ciências devem unir forças para “desestigmatizar” uma construção secular. O chamado é para todos que queiram fazer o papel de Perseu, que estejam dispostos a cortar a cabeça da medusa e despetrificar o Sertão.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O Rapto do Sertão: A captura do conceito de Sertão pelo discurso regionalista nordestino.** Revista Observatório Itaú Cultural. N. 25, São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100102/01-Durval.pdf>. Acesso em: 27 de Dezembro de 2021.

Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:
As fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

BACON, Francis. **Novum Organum, ou, Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida.** 2^a edição, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARROSO, Gustavo. **Praias e várzeas: alma sertaneja**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

ETENE-BNB. **Informações Socioeconômicas, território: Sertão do Pajeú**. Disponível em: <https://www.bn.br/documents/80223/5242186/PE+-+Sert%C3%A3o+do+Paje%C3%BA+-+2019.pdf/a6ace7d4-7319-a92d-0f0a-dcb043afd10a>. Acesso em: 18 de Dezembro de 2021.

ETGES, Virginia Elisabeta *et al.* **Territórios luminosos e territórios opacos** - Uma análise à luz das contribuições de Milton Santos. REDES. Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 44-64, 2014.

FERRAZ, Ednaldo Emílio. **Do meu Sertão nem Morto: Uma relação de topofilia em um Sertão em retração**. Anais Eletrônicos do VI Colóquio de História “ Faces da cultura na História: 100 anos de Luiz Gonzaga. Recife: UNICAP, 2012. Disponível em: http://www.unicap.br/coloquiohistoria/?page_id=46. Acesso em: 25 de dezembro de 2021.

_____. **Do meu lugar nem morto (parte 2): Uma relação de topofilia - em situação oposta (“inverno”)**. Contemporaneidades: URCA, 2020. Disponível em: <https://contemporaneidadesurca.wordpress.com/sala-nisia-floresta/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2021.

FRANCOVICH, Guillermo. **Os ídolos de Bacon**. Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1938.

FILHO, Fadel David Antônio. **Sobre a palavra “Sertão”: Origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica)**. Ciência Geográfica, Bauru- XV -(1): Janeiro/Dezembro, 2011. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf . Acesso em: 4 de Novembro de 2021.

LIMA, Camila Teixeira. **Sertões e as Veredas da Modernização Nacional** (In Pelo Sertão, o Brasil). Macapá: UNIFAP, 2016.

PNUD. **Atlas do desenvolvimento humano**. Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2021. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/pt/download/>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2021.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: Território e Sociedade no início do século XXI. 11^a Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SERTÃO. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Sert%C3%A3o>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

SERTÃO. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/sertao/>. Acesso em: 22 dezembro de 2021.

SERTÃO NORDESTINO. Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino, Acesso em: 18 dezembro de 2021.

SERTÃO, Mundo e Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/sertao.htm>. Acesso em: 25 de dezembro de 2021.

SERTÃO. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sertao/> Acesso em: 26 de dezembro de 2021.

SERTÃO, Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sertao/>. Acesso em: 27 dezembro de 2021.

SOUZA SOBRINHO, Alexandre Machado Marques de; GOMES DE MORAES, Juliana. **Juventude no Campo: O contexto da Permanência no Sertão do Pajeú**. Revista Científica Rural Urbano. Recife. V. 01. p. 131-135, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/article/view/241015>. Acesso em: dezembro de 2021.

VERSYPLEP, Nina Iris ET AL. **Microrregião Pajeú: economia, clima e desenvolvimento da agricultura**. Revista GEAMA, Recife, v.1, n.1, março de 2015. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/indooex.php/geama/article/view/478>. Acesso em: Novembro de 2021.

HÉLIO FERNANDO LÔBO NOGUEIRA DA GAMA - Possui Bacharelado em Ciências Sociais / Sociologia pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília - UnB (1983); Especialização em Ciências Sociais / Sociologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - UFBA (1985); Mestrado em Sociologia / Estado e Sociedade - Departamento de Sociologia da UnB (1999); Doutorado em Sociologia / Estudos Comparados sobre América Latina e Caribe - Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da UnB (2005); e cumpriu o Plano de Trabalho de sua Licença Sabática junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA (2019). É Docente Universitário (1986-) na área de Ciências Sociais / Sociologia, com ênfase em Lógica da Investigação Científica, tendo sido agraciado com os títulos honoríficos de Professor Homenageado (1995, 2014 e 2019), Paraninfo (2019) e outorgado com Medalha de Mérito (2006). Atuou como Especialista (1986-1987) e Consultor em Assuntos Educacionais (2005). Exerceu cargos de Gestão em Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente: Chefe do Serviço de Cooperação e Fomento (1995-1996) e da Assessoria de Planejamento (1996-1997) da Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia - SEMATEC do Governo do Distrito Federal - GDF; Chefe de Gabinete do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente - IEMA, Coordenador do Programa de Qualidade Ambiental ISO 14000 do Distrito Federal e da Coordenação de Planejamento Integrado e Articulação Administrativa SEMATEC - IEMA (1997-1998); além de ter exercido a função de Secretário do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Substituto) do GDF (1998). Autor e Organizador de vários livros como “Turismo e Sustentabilidade: Um olhar sociológico sobre os lugares Ponta do Corumbau, Brasil, e Havana, Cuba”; “Ecocapitalismo e Sustentabilidade: Empresas no Brasil e ISO 14001”; “I Seminário de Qualidade Ambiental ISO 14000 do Distrito Federal”; e “A Sociologia e as Organizações Sociais 2”. Possui dezenas de obras publicadas como capítulos de livros, artigos em periódicos, trabalhos em anais de eventos no Brasil e exterior, além de cursos à distância de formação de professores. Pesquisador em Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Sociedade; Epistemologia e Sociologia do Turismo. Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil.

A

Anatomias emergentes 22

B

Barca de São Pedro 28

Bens materiais 4

Bloco histórico 1, 3, 4, 10, 11, 12

C

Cidadania 3

Classes sociais 1, 3, 4

Consumo 10, 14, 15, 19, 21, 22, 25, 45

Corpolatria 26

Corpo social 14

Cultura High-Tech 21

D

Democracia 3

Desenvolvimento social 19, 26

Desigualdades sociais 48

Desportivização 16

Dialética 1, 3, 5, 10, 11, 12

E

Educação 4, 10, 14, 19, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 50, 51, 53, 56

Efeito Medusa 41, 47

Ensino médio 43, 50

Escola católica 28, 32, 33

Esporte 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Esportivização 14, 16

Estamentais 7

Estrutura social 1, 3, 4, 11

F

Forças produtivas 4, 5, 8

G

Ginástica 15, 17, 22

I

- Ideologia 4, 5, 6, 10, 12, 27
- Imagens petrificantes 48
- Imutabilidade imagética 48
- Indústria cultural 10
- Infraestrutura econômica 5, 9, 10

L

- Lazer 15, 18, 19, 21, 26

M

- Mercadoria 14, 19, 20, 22, 26
- Mito de imutabilidade e estaticidade 44
- Modo de produção 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12
- Mundo virtual 10, 22

O

- Organizacional e informacional 10

P

- Padrões estéticos 14, 21, 22

R

- Redes sociais 10, 22, 44
- Reificação do corpo 26
- Relações sociais de produção 4
- Retrato social e paisagístico 44

S

- Sertão 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54
- Sertão do Pajeú 41, 42, 44, 49, 51, 52, 53, 54
- Situação de interioridade 48
- Sociedade da ostentação 21
- Socio-histórico 1, 2, 3, 10, 11
- Superestrutura ideológica 10

T

- Tecidos societários pré-capitalistas 7
- Territórios luminosos 51, 53

ÍNDICE REMISSIVO

- Territórios opacos 51, 53
- Tipo ideal 10
- Transformações 7, 8, 16, 41, 44, 49, 52

A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- ⬇ www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉️ contato@atenaeditora.com.br
- ⌚ [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- FACEBOOK www.facebook.com/atenaeditora.com.br